# Uma Espreitadela no Futuro

AS VISÕES DO
MATIAS DO MOÍNHO
(MUHLHIASL)

E AS PREVISÕES
DE

ALOIS IRLMAIER
CONRAD
ADLMAIER

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

# UMA OLHADELA NO FUTURO

## AS VISÕES DO MÜHLHIASL E AS PREVISÕES DE ALOIS IRLMAIER DE FREILASSING

por Dr. C. Adlmaier, 1950

Introdução Há décadas que o autor deste pequeno livro se dedica à recolha de documentos que relatam coisas extraordinárias sobre um vidente da Floresta Bávara. O chamado «Mühlhiasl» de Apoig deixou uma grande quantidade de previsões que se estendem por um período que, em parte, já vivemos nos dias de hoje e que, por outro lado, apontam para um futuro mais próximo ou mais distante. Tudo o que foi possível saber por boca de pessoas dignas de confiança está aqui registado, para que também as gerações futuras reconheçam que há mais coisas entre o céu e a terra do que permite sonhar a nossa sabedoria escolar.

Porque com um encolher de ombros desdenhoso e um sorriso incrédulo não se elimina o facto de aquele autêntico vidente da Floresta Bávara ter olhado mais de cem anos para o futuro e ter profetizado, com detalhes que batem certo até ao pormenor mais pequeno, algo que necessariamente tem de despertar interesse. Embora as declarações do Mühlhiasl estejam em grande parte fixadas e tenham sido publicadas várias vezes na imprensa quase palavra por palavra, trazemos aqui alguns factos que podem ser divulgados pela primeira vez.

Um segundo clarividente em solo bávaro é o poceiro, rabdomante e eidético Alois Irlmaier, de Freilassing, cujas visões o autor verificou pessoalmente até ao último detalhe e continua a recolher. Se as suas previsões se cumprirão, o futuro o dirá. Na soleira do 50.º ano do século XX, elas ganham peso, pois o futuro mais próximo mostrará se ele falou verdade ou não.

O que pensar, então, destas coisas? Uns dirão: «Não acredito nisso!» Não podemos censurá-los por isso, pois não se trata aqui de nenhum dogma. O próprio Mühlhiasl repetia constantemente: «Mas não acreditam em mim.» Irlmaier faz exatamente a mesma afirmação.

Por outro lado, já Maquiavel, que era incrédulo, dizia: «Embora eu não conheça a causa, é um facto atestado por toda a história antiga e moderna que nunca aconteceu uma grande desgraça sem que tivesse sido anunciada por sinais e profecias.»

Ao homem crente, porém, recordamos o que escreveu o santo apóstolo Paulo (1 Cor 12, 9-10): pelo Espírito Santo, a um é dada a graça de curar, a outro a de fazer milagres, a outro ainda o dom da profecia. E mais adiante: «Não desprezeis as profecias! Examinai tudo; retende o que é bom!» (1 Tes 5, 20ss.).

«Crê ou não creias, isso é contigo», costumava dizer o velho Irlmaier, «eu digo o que vejo. Se acontecer ou não, isso não sei.» Com esta frase apresentamos ao leitor os relatos aqui reunidos pela primeira vez, examinados com extremo rigor. Para muitos servirão de aviso, para outros de mote de zombaria e escárnio. Em qualquer caso, estas previsões não devem perder-se, razão pela qual foram registadas por escrito. Não para semear medo e inquietação, mas para ajudar e dar esperança – esse é o objetivo deste pequeno livro. Afinal, nem todas as profecias têm necessariamente de se cumprir, pois o último árbitro do nosso futuro é o Deus todo-poderoso.

Traunstein, 1 de janeiro de 1950 Dr. E. Adlmaier

Matthias Bregl conhecido por Mühlhiasl da Floresta Bávara Segundo documentos antigos e tradições orais

Matthias Pregl, conhecido por Mühlhiasl da Floresta Bávara

O que aqui se conta sobre um homem extraordinário da viragem do século XVIII baseia-se em tradições escritas e orais, em investigações que abrangem um período de 30 anos e que, por isso, já estavam registadas antes da ocorrência de certos acontecimentos. Não se pretende alimentar a credulidade ou a superstição, mas sim um salutar temor perante juízos punitivos que serão inevitáveis se a humanidade continuar a seguir os caminhos que tomou há um século.

O que aqui se relata em matéria de profecias, caro leitor, podes acreditar ou não. Também não se afirma que tudo tenha de cumprir-se, pois pela oração de muitas almas piedosas muito pode ser afastado. Uma coisa, porém, é certa: houve e há ainda hoje pessoas dotadas de uma graça peculiar. Elas conseguem, através de uma visão interior, ultrapassar as fronteiras do espaço e do tempo, veem em imagens plásticas os acontecimentos que se desenrolarão no futuro, tal como nós vemos algo no cinema. Não é fantasia, é cientificamente comprovado.

Um desses videntes foi o Mühlhiasl da pequena aldeia de Apoig, na paróquia de Windberg, perto de Hunderdorf, que terá nascido por volta de 1750. No seu artigo sobre o Mühlhiasl de Apoig, «o profeta do futuro da

Floresta Bávara», publicado em junho de 1923 no Liebfrauenbote de Altötting, o pároco Landsdorfer (já falecido) julgou poder identificar o Mühlhiasl com um certo Matthäus Lang, nascido em 1753. Essa opinião está errada. Quem se chama Matthäus nunca é chamado «Hiasl» no dialeto, mas sim «Mattheis». Segundo a tradição oral de um sacerdote, o Dr. Ebner de Traunstein, falecido aos 82 anos, o Mühlhiasl chamava-se Matthias Pregl.

Não era moleiro, mas sim um «Mühlarzt», alguém que afiava as mós dos moinhos e por isso andava de moinho em moinho. Também aqui errou o pároco Landsdorfer quando escreveu: «Era avesso à vida sedentária e parece nunca se ter deixado prender por completo ao trabalho quotidiano regular. Livre e despreocupado, percorria o vasto mundo de Deus…» Na verdade, era a profissão que obrigava o Mühlhiasl a viajar, para ganhar honestamente o pão. E onde quer que chegasse, falava do futuro.

Em tempos de grande tribulação, quando reinam a miséria, a guerra e o sofrimento, o povo gosta de desenterrar antigas profecias e ditos que passam de boca em boca, desaparecem e voltam a surgir, por vezes são escritos e depois podem ser verificados. Num velho missal, por exemplo, estava escrito em 1902 o ditado latino: «Quando Marcus Pascha dabit totus mundus Vae clamabit» («Quando a Páscoa cair no dia de São Marcos, o mundo inteiro gritará ai!»).

Em 1913 assim aconteceu, e em 1914 o mundo gritou na terrível guerra. Ou aquele outro ditado: «1911 ano de fogo, 1912 ano de inundação, 1913 ano de sangue», embora a guerra com os seus sacrifícios de sangue só tenha começado realmente em 1914. Quem não se lembra? Mas as previsões mais difundidas eram as do Mühlhiasl, algumas das quais já se cumpriram por completo. Por isso queremos aqui fixar tudo o que ainda foi possível apurar.

1. Dados pessoais sobre o Mühlhiasl Como já foi dito, o Mühlhiasl, de nome civil Matthias Pregl (noutra versão Preckl), nasceu em meados do século XVIII em Apoig, município de Hunderdorf, distrito de Bogen. Já em criança era um pouco «especial», mas, de resto, uma pessoa alegre e aberta, distinguida pela honradez e religiosidade. Não se sabe ao certo se aprendeu o ofício de moleiro, mas é provável, pois trabalhou toda a vida nos moinhos. Andava por toda a parte para arranjar e afiar as mós e era querido e bem-vindo onde quer que aparecesse. O Mühlhiasl morreu em 1825 no hospital de Straubing (segundo outra versão,

Deggendorf) e está sepultado na sua paróquia natal de Windberg-Hunderdorf, para onde o seu corpo foi transportado num carro aberto. O que aí aconteceu, contaremos mais adiante.

A pequena aldeia de Apoig não teria cem habitantes. Windberg albergava, antes da secularização, um mosteiro premonstratense que também desempenhou um papel importante na vida do Mühlhiasl. Para caracterizar o vidente da Floresta Bávara, o pároco Landsdorfer escreveu o seguinte:

«A personalidade do Mühlhiasl, tal como se reflete nas suas próprias declarações e nas descrições alheias, desenha o retrato de um original acabado, de um excêntrico estranho, profundo de espírito e de coração leal. De fé robusta e visão séria da vida, sentia-se em casa em toda a parte, era bem-quisto em toda a parte, e nunca se esquecia de falar às pessoas, com aplicação, do futuro. Quer estivesse a pescar no lago de Eglsee, quer levasse a juventude alegre a passear de barco nas águas largas do moinho de Apoig, quer contemplasse do cimo das montanhas extensas paisagens, em todo o lado se sentia impelido a falar dos tempos vindouros, em ligação com o lugar onde se encontrava, e a descrever a futura configuração da paisagem e da vida do povo.»

Ernst von Wolzogen publicou a 1 de dezembro de 1931 no Berliner Tagblatt um artigo intitulado «A Anunciação do Pastor da Floresta», baseando-se no escritor Schrönghamer-Heimdahl. Segundo este, o profeta da floresta chamar-se-ia Matthias Stormberger (provavelmente no dialeto Starnberger) e teria aparecido entre 1750 e 1760 como rapaz sem lar nem família na aldeia de Rabenstein, perto de Zwiesel. Trata-se ou de uma confusão com algum pastor daquela região ou de informação errada, pois as previsões atribuídas a esse Stormberger coincidem quase totalmente com as profecias do Mühlhiasl.

O que profetizou então o vidente de Apoig? Passamos a transmiti-lo com exatidão, segundo os antigos escritos e a centena de tradições orais que chegaram até nós:

**As Visões do Mühlhiasl***

**(NT: "Mühlhiasl" é o apelido de um famoso profeta popular da Baviera (sul da Alemanha) que viveu entre o final do século XVIII e início do século XIX. O nome verdadeiro dele era Matthias Stormberger (ou, em algumas versões, Matthias Lang)*

Com espantosa precisão, ele previu coisas de que, na sua época, entre 1790 e 1820, ninguém poderia ter ideia. Não havia ainda máquina a vapor, eletricidade, caminho de ferro, bicicleta, automóvel nem avião. E, no entanto, o Hiasl reconheceu claramente essas coisas e anunciou-as. Dividiremos as suas visões em quatro partes:

1. Referentes a ele próprio e aos seus conhecidos.
2. Circunstâncias políticas e sociais antes da grande catástrofe.
3. As guerras mundiais.
4. O «limpador de bancos» e o que virá depois.
5. Previsões pessoais Embora o Mühlhiasl fosse querido por toda a parte, não se dava bem com os monges premonstratenses de Windberg. Em 1803, o abade proibiu-o de entrar no pátio do mosteiro. Então o vidente disse: «Tal como me expulsam agora, em breve vos expulsarão a vocês mesmos. Eu posso ir embora, mas vocês terão de fugir a correr; eu poderei voltar a entrar, vocês já não, e às vossas janelas estarão mulheres e crianças a olhar para fora.» Esta previsão cumpriu-se à letra. Seis semanas depois deste incidente, chegou ao mosteiro a ordem de secularização. Como os monges não obedeceram de imediato, apareceu uma comissão executiva que os obrigou a abandonar o mosteiro de cabeça perdida. A comissão agiu com tal brutalidade que dois padres que estavam a pescar no ribeiro de Gaishausen nem sequer puderam voltar a cruzar o limiar do mosteiro para ir buscar a sua roupa. Isso aconteceu a 1 de abril de 1803.

Em Grosslindach, uma pequena localidade da paróquia de Hunderdorf, o Mühlhiasl falou um dia com o velho Bogner pai sobre a grande guerra que viria. Durante a conversa, beliscava e amassava

carinhosamente a orelha do neto do Bogner que ali estava. O miúdo começou a chorar. Então o vidente consolou-o: «Não chores, rapazinho, tu não estarás na grande guerra, nem os teus filhos, mas os filhos dos teus filhos hão de lá estar com certeza.» O Mühlhiasl referia-se à Primeira Guerra Mundial, da qual dissera: «O pequeno começa-a, o grande do outro lado da água acaba-a.» De facto, os filhos do Bogner, netos daquele menino chorão, foram todos mobilizados na Primeira Guerra Mundial.

Sobre si próprio, o clarividente fez ainda uma previsão terrível. Disse a rir: «Quando eu morrer, ainda hei de vos aparecer outra vez.» Segundo o relato do sacerdote Dr. Ebner, cujo pai conhecera pessoalmente o Hiasl, o Mühlhiasl morreu já idoso em 1825 no hospital de Straubing. A sua mortalha foi transportada num carro aberto puxado por bois até Apoig para ser sepultada. Numa curva da estrada, onde havia um talude íngreme, os bois assustaram-se, uma roda partiu-se, o carro virou-se e o caixão rolou talude abaixo. A tampa abriu-se e o cadáver caiu fora. O carroceiro, horrorizado, saltou atrás do cadáver, parecendo que queria agarrar o morto. Também esta previsão se cumpriu.

2. A segunda época Muito mais importantes foram as profecias do Mühlhiasl sobre estados futuros na política, economia, costumes, vestuário, etc. Por exemplo, previu com exatidão o caminho de ferro. Em Apoig, estação de Hunderdorf da linha Bogen–Cham, indicou ao metro o traçado posterior dos carris e mostrou com a bengala até onde eles cortariam o jardim do Schöh (hoje Blasini): «Até aqui e nem mais além!» A sua previsão cumpriu-se rigorosamente. Lintach, uma colónia dispersa que se estendia por uma hora de caminho, estava por volta de 1800 novamente coberta de floresta e pouco habitada. O Hiasl afirmou que as pessoas e as casas se multiplicariam muito: «Em Lintach tudo ficará cheio de casas e barracos de barro», mas depois crescerão urtigas e espinheiros às janelas. Esse tempo não terá chegado agora, nesta crise de habitação?

«Na cidade», continuou o vidente, «terão casas de cinco e seis andares, constroem casas por todo o lado, casas como castelos e párocos e escolas como palácios.» Ao dizer isto, ria-se maliciosamente e acrescentava: «Para os soldados!» É fato que tanto na primeira como na segunda guerra, e depois delas, foram precisamente as escolas requisitadas para quartéis e tropas de ocupação.

Enquanto andava por aí, o Hiasl apontava muitos locais e desenhava o chão com a bengala: «Aqui vai ficar uma casa!» Pescando no antigo tanque de Eglsee, marcou um retângulo com pequenas estacas e disse: «É assim que vão construir a casa.» Essa casa foi de facto construída exatamente naquele lugar e ainda hoje lá está. Particularmente impressionante e certeira foi também a sua estranha profecia num terreno entre Hunderdorf e Au: «Aqui vão construir uma casa, mas primeiro não a acabarão, mesmo que já levem muito tempo a construir.»

De facto, ali está uma casa de um andar chamada «Breitfeld»; durante muito tempo ficaram ali as vigas para uma varanda (já removidas), o que dava à casa um aspeto inacabado. Agora construíram um segundo andar. Diz-se que o Mühlhiasl também falou de construções de loteamentos que pareceriam cogumelos ou colmeias, e que previu o grande salão de Passau (Nibelungenhalle). Isso, porém, não pode ser comprovado documentalmente.

A Primeira Guerra Mundial, antes e depois O vidente da Floresta Bávara previu a Primeira Guerra Mundial com exatidão de dia. A profecia dizia: «No dia em que o lobo de ferro uivar pela primeira vez no caminho de ferro pelo Vorwald, nesse dia começará a grande guerra mundial.» E o que aconteceu? A 1 de agosto de 1914 foi inaugurada a linha férrea de Kaltenegg a Deggendorf, que atravessa o Vorwald a meio. A 2 de agosto, os mobilizados daquela região seguiram de comboio na nova linha para os quartéis. Outra previsão dizia: «Quando o peixe prateado (segundo outra versão: a grande ave branca) passar por cima da floresta, não demorará muito.» Quando o Zeppelin sobrevoou a Floresta Bávara, estávamos a poucos dias do início da guerra de 1914. Do mesmo modo, o Hiasl viu no Danúbio os barcos a vapor, que designava por «cães de ferro» ou «garças de ferro».

No caminho pedestre de Oberaltaich para Hunderdorf há um ponto no alto dos montes de Kleinlintach, junto ao Holz-Bertl, de onde se tem uma vista magnífica sobre o vale do Danúbio e o Gäuboden, de Plattling até Regensburg. Foi ali que há mais de 130 anos o Mühlhiasl parou e incluiu nas suas visões a linha férrea de Passau e a Waldbahn. Ele disse: «Quando a estrada de ferro subir de Passau, quando a estrada de ferro atravessar o Danúbio e seguir para a Boémia, quando o cão de ferro ladrar rio Danúbio acima, quando os carros andarem sem cavalos nem varais, quando a maior parte das pessoas andar em carruagens de duas rodas tão depressa que nem cavalo nem cão consiga acompanhar, então não falta muito!»

Os tempos deram razão, e mais do que razão, ao simples Hiasl. A Primeira Guerra Mundial eclodiu e com ela cumpriram-se também outras visões.

## 3. As guerras mundiais e o que há entre elas

Já apontámos, a propósito da construção da linha férrea de Kaltenegg a Deggendorf, como o Mühlhiasl previu o primeiro conflito mundial com exatidão de dia. Mas descreveu com igual clareza o período entre 1914-1918 e 1945. Sobre a inflação, por exemplo, lançou luzes fulgurantes com as suas profecias. Disse:

«O ouro vai para o ferro e para o aço.» Na Primeira Guerra Mundial, quem entregasse o ouro recebia correntes de relógio de ferro. «Dou ouro por ferro!» Cada soldado ganhava três dias de licença da frente por uma moeda de ouro. Na Floresta Bávara houve sacerdotes que, do púlpito, alertaram o povo, recordando as previsões do Mühlhiasl, para não entregar o ouro ao Reichsbank.

«Por uma moeda de ouro compra-se uma quinta inteira», foi outra profecia. De facto, em Freilassing, durante a inflação, uma quinta foi comprada pelo preço de uma moeda de ouro. «Por duzentos gulden não se compra um pão, vem aí uma grande miséria, o bosque alto parecerá o casaco de um mendigo» (devido aos enormes abates de árvores), «a madeira ficará tão cara como o açúcar» (noutra versão: «farão açúcar da madeira»). «Haverá um só dinheiro» (na altura havia na Alemanha meia dúzia de moedas diferentes).

Depois a profecia espantosa: «Farão dinheiro, tanto dinheiro que já ninguém o reconhecerá», e com um sorriso malicioso e misterioso acrescentava: «mesmo sendo tudo papelinhos bonitos, as pessoas ainda não terão o suficiente. De repente, não haverá mais nenhum!» Poder-se-ia prever a inflação de forma mais precisa? Dificilmente. E que previsão acertadíssima fez o Hiasl a respeito do dinheiro que saiu durante a Segunda Guerra Mundial. Nas notas de vinte marcos emitidas em 1944 aparece, como ornamento da inicial «Z», um desenho com uma base mais do que estranha.

O Hiasl viu essa nota e disse: «Antes do limpador de bancos virá um dinheiro novo com um morcego, as asas caídas de tristeza.» De facto, reconhece-se perfeitamente o morcego de asas pendentes, tão perfeitamente que em 1944, apesar do terror que então reinava, as pessoas diziam em voz

alta por todo o lado: «Agora cumpriu-se a profecia do Mühlhiasl, chegou o dinheiro com o morcego.»

Sobre os costumes no vestuário

o profeta da Floresta Bávara também fez previsões interessantes: «Quando os camponeses se vestirem como os citadinos e os citadinos como palhaços (noutra versão: como macacos), quando andarem pelas ruas como gansos brancos como a neve (vestidos brancos de mulher com sapatos vermelhos ou castanhos), quando aparecerem as cabeças de corvo (mulheres de cabelo curto, com lenços na cabeça, como agora vem da moda do Leste), quando os homens puserem chapéus vermelhos e brancos, quando as pessoas usarem sapatos vermelhos, quando os camponeses ficarem de botas engraxadas dentro do esterco, quando as mulheres usarem calças e botas e os homens se vestirem de maneira efeminada (tudo se cumpriu), então não falta muito.»

Basta um olhar às roupas das mulheres de hoje para qualquer leitor confirmar que já há «senhoras» suficientes a pavonear-se com calças masculinas, e até há quem prefira, por excentricidade, as calças de couro da roupa tradicional. Nos chamados locais balneares elegantes, como Garmisch, as mulheres desfilavam em 1949 pela promenade com calças de três quartos. Quanto às «cabeças de corvo», a imagem é extraordinariamente certeira. Quando a guerra acabou em 1945, surgiram por todo o lado os lenços pretos curtos dos povos balcânicos e orientais, que entraram na moda local juntamente com os penteados curtos à garçonne. O que o vidente previu aconteceu.

Sobre questões económicas e culturais

o Mühlhiasl também profetizou muitas coisas. Disse: «Quando as pessoas só fizerem comer e beber, banquetear-se e dormir, quando até os camponeses só comerem bolos, quando os camponeses comerem eles próprios as galinhas e os gansos, quando os camponeses revirarem todas as fronteiras e derrubarem todos os marcos de pedra, quando todos os camponeses se meterem em política, então chegou a hora.»

«Os senhores fazem leis e impostos, mas ninguém os consegue pagar nem se importa com isso. Muita coisa será decidida, mas nunca posta em prática.»

«Depois virá um senhor muito severo que vos tira a camisa do corpo e a pele também. Os pequenos tornar-se-ão grandes e os grandes tornar-se-ão pequenos. Mas não durará muito.»

Sobre o estado religioso e cultural

o vidente da Floresta Bávara disse o seguinte:

«Primeiro vêm muitos jubileus (anos jubilares), pregar-se-á por todo o lado sobre a fé, haverá missões por todo o lado, ninguém se importará, as pessoas tornar-se-ão muito más. A religião ficará tão pequena que caberá dentro de um chapéu; a fé ficará tão fina que se poderá cortar com o chicote; a fé ficará tão pouca que se poderá afugentar com um estalo de chicote; mas quem mais escarnecerá da fé católica serão os próprios cristãos. Arrancarão a cruz do canto do Senhor e encerrá-la-ão no armário (ou atirá-la-ão pela janela fora).» Caro leitor, recordas-te do tempo em que os crucifixos foram retirados das escolas e por vezes atirados pela janela abaixo? E quem atacou mais violentamente a Igreja e a fé?

A previsão sobre o início da Segunda Guerra Mundial

Quase ao dia certo coincidem duas previsões do Mühlhiasl para o começo da Segunda Guerra Mundial. Uma refere-se à construção de uma ponte, a outra a um facto tão estranho e impressionante que deixa a gente pasmada. Não admira que na sua época o Hiasl fosse gozado e tratado de doido. Hoje já ninguém ri disso. Ele disse: «Quando em Straubing construírem a grande ponte sobre o Danúbio, ficará pronta, mas não totalmente, porque então começa.» Facto: a ponte do Danúbio em Straubing estava concluída até à laje de betão em 1939 quando, em setembro, eclodiu a Segunda Guerra Mundial.

A segunda profecia era:

«No campanário de Zwiesel crescerá uma árvore. Quando a árvore tiver o comprimento de uma haste de bandeira, então chegou a hora.» O beneficiado do hospital Goderbauer († 1948) foi de propósito a Zwiesel em 1944 para ver a árvore – uma tília que realmente crescera cerca de dois metros no telhado do campanário. Um polícia mandava afastar os muitos curiosos que, claro, conheciam a profecia do Mühlhiasl, pois era muito incómodo para o governo que uma tal profecia se cumprisse. Essa tília fatídica foi depois retirada em 1946 ou 1947, mas replantada noutro local. Pelo menos em 1947 ainda florescia. Quando atingiu a altura de uma haste de bandeira (cerca de dois metros), rebentou a Segunda Guerra Mundial.

O «limpador de bancos» e os seus sinais

Depois da guerra pensa-se que haverá paz, mas não haverá. Os grandes senhores sentam-se à mesa e fazem impostos e leis. Depois o povo

levanta-se. Quando começar, será cada um contra o outro. Haverá luta por tudo, quem tiver alguma coisa verá que lha tiram, em cada casa haverá guerra, ninguém poderá ajudar o outro. Os ricos e os nobres serão mortos, quem tiver mãos será espancado até à morte. O senhor da cidade corre para o campo ao camponês e diz: «Deixa-me lavrar!» O camponês mata-o com a enxada. Os camponeses cercarão as casas com muros altos e dispararão das janelas contra as pessoas (saqueadores?). Ninguém mais suportará o outro, cada um terá uma cabeça diferente (disputas partidárias). Os pequenos voltarão a ser grandes. Mas quando o mendigo subir ao cavalo, nem o diabo o conseguirá derrubar. Na grande miséria as pessoas voltarão a tirar o Bom Deus do armário onde O encerraram e pendurá-Lo-ão muito piedosamente, mas agora já pouco ajudará.

Se olharmos para o que se passou na Alemanha de Leste e nos Estados soviéticos, qualquer comentário a estas previsões do Mühlhiasl torna-se desnecessário. Porque lá já se cumpriram em parte à letra. Se entre nós ainda virão como lutas de classes (bolcheviques), o futuro o dirá.

Como outro sinal da grande catástrofe, o vidente da Floresta Bávara mencionou a construção de uma estrada de Straubing até Pilmersberg (Pilgramsberg). Quando o Hiasl fez esta profecia, foi novamente gozado, pois a região era então tão inóspita que o velho lavrador do tanque disse: «Eu acredito em tudo o que o Mühlhiasl diz, menos que ali venham construir uma estrada.» Pois bem, a estrada Straubing–Stallwang–Cham foi construída e é dela que o vidente falou: «Por essa estrada virão um dia os vermelhos.» Os contemporâneos troçavam do Hiasl e perguntavam com ironia: «Serão os franceses de calças vermelhas?», ao que o profeta da floresta respondeu sem hesitar: «Não, não são franceses, também não trazem calças vermelhas, mas são os vermelhos!»

A estrada Cham–Straubing ainda ganhará significado. Hoje, quase 150 anos depois, sabemos melhor quem serão os «vermelhos» que quererão invadir o país, e hoje ninguém pensa nos franceses; sabemos quem são os «vermelhos».

Outra previsão refere-se a fenómenos climáticos. Virão verões curtos, já não se distinguirá inverno do verão (porque o inverno será quente e o verão frio).

Além disso, o vidente afirmou: «Quando toda a gente construir, nunca se construiu tanto, construir-se-á por todo o lado, fileiras inteiras como colmeias, casas de telhados vermelhos (telhas), o Gäuboden brilhará com

casas brancas como a neve, as pessoas instalar-se-ão como se nunca mais tivessem de partir, mas depois será tudo varrido.»

Também aqui qualquer comentário é supérfluo. Devido às destruições da guerra, tem de se construir por todo o lado. Que tipo de «edifícios» se erguem na miséria do pós-guerra, pode ver-se em toda a parte. A comparação com uma colmeia talvez não fosse totalmente exata na forma da época, mas hoje sabemos que casitas de um só compartimento já não são raridade: estilo barracão, cabana colada a cabana. E como é estranha a frase: «As pessoas instalam-se como se nunca mais tivessem de partir.» Estarão aí visados os incontáveis milhões que afluíram durante e após a Segunda Guerra Mundial? Ou os evacuados? Ou os próprios naturais do país, que pensam que nenhuma nuvenzinha mais turvará o seu céu?

Como aviso visível de longe, aparecerá no céu um sinal. O Mühlhiasl não disse nada mais concreto sobre isso. O certo é que milhares de espectadores crentes e incrédulos puderam observar em Fátima um fenómeno celeste historicamente comprovado. É lógico supor, porém, que este sinal de aviso do Mühlhiasl também será visto clara e distintamente na nossa região, pois de outro modo perderia o seu propósito.

O limpador de bancos

Após as violentas lutas de classes ou de partidos, e após a primeira e a segunda guerras mundiais, virá o «limpador de bancos». Provavelmente refere-se ao mais pesado tributo de sangue que o nosso país terá de pagar. Primeiro, pela estrada de Cham para Straubing afluirão as massas vermelhas. O Hiasl dá então aos seus conterrâneos mais próximos este conselho: «Quando vierem, é preciso fugir o mais que se puder e levar provisões de pão. Quem levar três pães e perder um enquanto foge não se deve baixar para o apanhar, tão urgente será.

Mesmo que perca o segundo, também o deve deixar, porque com um pão ainda se aguenta (sem morrer de fome), pois não durará muito.» (Os tanques avançam depressa!) Como esconderijos, o Hiasl recomendava, conforme a região, diferentes lugares: para Mitterfels as grandes florestas do vale do Perlbach e as depressões junto ao Buchberg; para Sankt Englmar a Käsplatte; para Bodenmais as minas; para o Gäuboden sem floresta, os restolhos de trigo nos campos. Com isto indica até a estação do ano desse acontecimento: o fim do alto verão, a época da ceifa do trigo no Gäuboden.

«A Boémia será varrida com a vassoura de ferro. A Baviera será devastada e consumida pelo seu próprio senhor – resistirá mais tempo, mas será a que terá pior sorte.» Se esta profecia já se cumpriu em parte, não se pode afirmar com certeza. Poderia interpretar-se como o que aconteceu na atualidade: a Boémia foi varrida com violência (com vassoura de ferro), ou seja, os colonos alemães foram expulsos.

Que a Baviera tenha sido devastada e consumida pelo seu próprio senhor recorda as últimas demolições do ano de guerra de 1944 e início de 1945, quando as próprias tropas realizaram destruições de dimensões gigantescas e sem sentido. A fome não precisa de mais explicações, está na memória de todos, sem esquecer a atividade dos senhores em Frankfurt. Mas é igualmente provável que esse tempo ainda venha com a catástrofe que o vidente anuncia, embora não descreva em pormenor. Fala apenas de como ficará depois. Ouçamos a sua previsão:

«Quem sobreviver terá de ter um crânio de ferro. Numa só noite tudo acontecerá.» Nós, homens da era da bomba atómica, já não consideramos as profecias do Mühlhiasl fantasias como os seus contemporâneos por volta de 1800; sabemos que já não será difícil aniquilar regiões inteiras com homens, mulheres e crianças.

**Depois da Catástrofe**

«Os poucos que ficarem vivos irão, à procura de sapatos, reunir-se de toda a região dentro dos muros do mosteiro de Windberg.» «As pessoas serão poucas, cumprimentar-se-ão novamente: Louvado seja Jesus Cristo, e um dirá ao outro: Deus te salve, irmão, Deus te salve, irmã! À noite, alguém olha do monte por cima da floresta e não vê uma única luz. Se alguém ao crepúsculo vir um restolho de trigo, aproxima-se para ver se não será uma pessoa, tão poucos restarão.»

Um carroceiro bate com o chicote no chão e diz: «Aqui esteve outrora a cidade de Straubing.»

«Se ainda se encontrar um telhado no Gäuboden ou à beira do Danúbio, há de se-lhe pôr um sino de prata. A um cavalo calçar-se-ão ferraduras de ouro, tão raro será tudo.» E como é convincente a curta frase: «Ainda cantarão galos dentro da floresta.»

Quando este limpador de bancos tiver passado, virá um tempo bonito para os que sobreviverem à catástrofe. Para lá do Danúbio tudo ficará deserto e vazio, e cada um poderá instalar-se onde quiser e tomar tanta terra quanta conseguir cultivar.

Surgirão então grandes pregadores da fé e homens santos farão milagres. As pessoas voltarão a ter fé e virá um longo tempo de paz.

Há ainda uma estranha previsão que o Mühlhiasl muitas vezes fazia aos amigos: «Quando o limpador de bancos tiver passado, também os maus espíritos e os que andam à noite (que assombram) serão banidos.» É uma crença popular geral, baseada na oração final da Santa Missa e no grande exorcismo de Leão XIII.

Finalmente, uma palavra do honesto vidente de Apoig, Matthias Bregl, que o Mühlhiasl atirava muito a sério e com insistência aos que dele troçavam: «Podem rir, vocês não precisam de suportar isso, mas os vossos netos e os que vierem depois hão de acreditar. Rezai para que o Bom Deus, a pedido da nossa querida Senhora, afaste a desgraça; nós não acreditamos e, no entanto, é verdade!»

O que aqui ficou escrito foi reunido ao longo de anos, como um mosaico, a partir de declarações isoladas do Mühlhiasl. Muitas tradições orais de pessoas reconhecidamente dignas de confiança, especialmente veneráveis sacerdotes idosos, puderam felizmente ser registadas e assim preservadas para a posteridade.

O que pensas agora, caro leitor, sobre estas profecias de um homem simples e humilde, da classe operária? Alguns chamar-lhes-ão devaneios, cada um é livre de acreditar ou não. Mas já na nossa época vivemos uma série semelhante de previsões feitas pelo poceiro de Freilassing, Alois Irlmaier. Ele é, no sentido mais literal da palavra, um segundo Mühlhiasl.

O poema profético (Autor desconhecido – há mais de 100 anos)

1.

Grande imperador Carlos em Roma coroado
Pedra angular hás de ser do tempo alemão
Cento e sessenta e sete anos de prazo
Até que a Alemanha seja ferida até à medula.

2.

Teu filho serve povos estranhos como escravo
Faz e deixa fazer o que aos escravos é direito
Mão inimiga cruelmente rasgou
O laço de um só sangue, de uma só língua.

3.

Chupas do estômago, consomes o sumo da
Alemanha Até que com ele se esgote a tua força
Se o coração adoece, todo o corpo definha
A desgraça da Alemanha é a ruína do mundo.

4.

Pobres enchem os bolsos de dinheiro
Mas a riqueza rápida vira cinza
Todos mais pobres com o maior estrondo
Menos gente, ainda mais apertado o espaço.

5.

Quando os tronos dos senhores forem abolidos
Governar será jogo e paixão
Até ao dia em que se julgará maldito
Quem for chamado a qualquer cargo.

6.

O camponês lavra até ao dia da viragem
Todo o seu esforço cai na água
A voz de aviso ecoa no deserto
Só o insensato tem ouvidos para ouvir.

7.

Quem tem mais pecados
Sente-se juiz e supremo conselho
Ferve o sangue, mais selvagem fica a besta
O roubo torna-se trabalho, o assassínio cobiça.

8.

Roma corta a carne os sacerdotes como gado
Sem piedade pelo ancião de cabelos de prata
Sobre cadáveres o Sumo tem de fugir
Perseguido de lugar em lugar.

9.

Parece abandonado por Deus, mas não está
Firme como rocha na fé, fiel ao dever
Mesmo na necessidade não renuncia
Leva a luta de Deus ao tribunal mais próximo.

10.

Vem um inverno de três dias de trevas
Relâmpagos e trovões e fendas na terra
Reza em casa, não saias
Nem olhes pela janela o horror!

11.

Uma só vela dará luz todo o tempo
Se quiser arder para ti
Vapores venenosos saem da noite de pó
Peste negra, a mais terrível matança de homens.

12.

A mesma ameaça paira sobre todos os nascidos da terra
Mas os bons morrem morte abençoada
Muitos fiéis ficam milagrosamente livres
Do espasmo da respiração e do perigo das feras.

13.

Uma grande cidade o lodo engole
Outra luta com o fogo
Todas as cidades ficarão mortas e mudas
Na praça de Santo Estêvão em Viena cresce endro.

14.

Se contares todas as pessoas do mundo
Verás que falta um terço
Do que resta, olha para cada país
Metade perdeu o juízo.

15.

Como navio sem leme na tempestade
Entregue a cada recife
Vagueia o enxame de governantes de um dia
Tornando os cidadãos ainda mais pobres que pobres.

16.

Pois a única estrela de esperança na miséria
De um dia melhor está infinitamente longe
«Enviai o Salvador que tendes de enviar!»
Clama angustiada a voz do peito humano.

17.

Muda a Terra de repente o seu curso?
Sobe um novo astro de esperança?
«Tudo está perdido» ainda aqui ressoa
«Tudo está salvo» – Viena já canta.

18.

Sim, do Leste vem o herói forte
Trazendo ordem ao mundo confuso
Flores brancas em volta do coração do Senhor
Ao seu chamamento segue o valente.

19.

Expulsa em bandos todos os perturbadores
Escreve ao Reich alemão direitos alemães
Estrangeiro variegado, hóspede indesejado
Foge do campo que não lavraste.

20.

Herói de Deus, forjas uma liga inquebrável
Em volta de toda a terra alemã
Conduzes os exilados de volta a Roma
O grande imperador vê-o a catedral.
Louvado seja o 21.º Concílio

21.

Que aos povos aponta o seu fim supremo
E por uma vida severamente purificada garante
Que já não se estrangulam Reich e pobre.

22.

Nome alemão, que tanto sofreste
De novo brilha em teu redor a antiga honra
Cresce em volta da águia bicéfala devorada
Cuja sombra muitos hóspedes procuram.

(Em posse de uma família de Passau há mais de 100 anos. Comunicado pelo Dr. Adlmaier.)

O segundo vidente bávaro da nossa época Alois Irlmaier

Irlmaier sobre a próxima guerra População entre Watzmann e Wendelstein será poupada – O clarividente de Freilassing convence tribunal bávaro – Fenómeno da clarividência

Antes de nos ocuparmos da pessoa do poceiro Alois Irlmaier, lancemos ainda um breve olhar sobre o fenómeno da clarividência. «Charlatanismo puro», dizem os incrédulos. «Ninguém sabe ao certo», dizem os que duvidam. «Há mais coisas entre o céu e a terra…», dizem os indiferentes. Temos, porém, de aceitar que sempre existiram pessoas que, devido a uma disposição especial ou a um choque (doença, queda, susto, soterramento, etc.), receberam a realmente incómoda graça da clarividência. Cientistas de todos os séculos ocuparam-se deste problema. Também os parapsicólogos de hoje apenas conseguem registar os factos; uma explicação, também eles não a têm.

Os materialistas sempre rirão das forças espirituais do homem, porque não acreditam em espírito – até que o contrário lhes seja muitas vezes provado de forma contundente. Quando no século XV uma freira quase santa previu aviões bombardeiros, quando o automóvel, o avião, o caminho de ferro, a inflação foram descritos com exatidão centenas de anos antes em visões que algum monge ou contemporâneo escreveu, pode-se sempre dizer:

«Eram pessoas que viam muito longe e imaginaram o que depois se tornou realidade.» Mas quando alguém prevê um grande acontecimento ao

dia certo, isso é inexplicável, está fora de qualquer cálculo, é verdadeira clarividência. Quem não acredita, que não acredite. Mas não é legítimo rotular simplesmente de charlatães pessoas que deram provas da sua capacidade de vidência. Também não é aceitável que, por mera curiosidade ou por motivos fúteis, se abuse desta graça e se atormente o vidente quase até à morte com perguntas e assaltos, como hoje acontece, por exemplo, com Irlmaier. Quem vier em extrema necessidade encontrará neste homem bom e simples ajuda e conselho, mas não qualquer pateta que queira saber do namorado.

Já não é segredo nenhum escrever algo sobre Alois Irlmaier. Em todo o Rupertiwinkel, no Chiemgau, até no norte da Alemanha e na América já sabem que às margens do Saalach vive um homem com a estranha capacidade de clarividência. E que não faz alarde disso, que sobretudo não faz negócio com isso, que até, como ele próprio diz, gostaria de poder apenas cavar os seus poços, porque esse é o seu ofício. Com a mão sensível sente as veias de água no solo e traz à superfície o elemento que dá vida. Essa é a sua alegria e a sua profissão, que lhe proporciona o suficiente para levar uma vida modesta.

Depois veio «o outro». Ele não faz mistério sobre como recebeu o dom da clarividência. Em 1928, já com cerca de trinta anos, trabalhava como instalador numa quinta «do outro lado da fronteira». Na parede estava pendurada uma bela imagem de Maria que muito lhe agradou. De repente – sim, deu-lhe um estalo. A Mãe de Deus saiu da imagem, olhou-o com bondade e, quando ele passou a mão pelos olhos, tudo voltou ao normal. E desde então é clarividente. Ele próprio me contou como funciona: vê as imagens como nós vemos as figuras no cinema, mas tem de se esforçar, concentrar-se, depois aparecem as «pessoas», e também o ambiente onde estão.

A pessoa de Alois Irlmaier O homem de cinquenta e cinco anos que está sentado à minha frente na sua minúscula cabana de madeira, onde mal cabe uma mesa e uma cadeira, é de estatura média, com um nariz claramente dinárico e lábios finos. O olhar tem por vezes um brilho penetrante. O carácter parece bondoso com um toque de ironia, alegre e aberto, como se encontra muitas vezes nos camponeses das montanhas do Chiemgau.

Porque o Chiemgau é também a pátria de Irlmaier; nasceu perto de Maria Eck. Muito cedo o rapaz de quinta descobriu de forma especial que podia trabalhar como rabdomante. Sente a água subterrânea, «ferve-lhe»

nos dedos e consegue indicar com precisão o curso da veia. Irlmaier é casado e tem um filho adulto que o ajuda na construção de poços e que não está nada entusiasmado por o pai ser tão assediado pelas pessoas. A mulher, uma dona de casa enérgica, tem o trabalho de proteger o marido para que os visitantes não o matem com as suas perguntas; de qualquer modo, ele quase nunca chega a comer se ela não intervém de vez em quando.

E no entanto, esta mulher, que parece tão dura, tem um coração mole. Quando alguém vem perguntar pelo filho ou marido desaparecido, cede a contragosto e indica onde encontrar o marido: «É uma cruz!» Quando me leva ao já famoso local de trabalho do clarividente, já estão umas quinze pessoas à porta da pequena cabana de madeira, onde Irlmaier está a dar informações a uma senhora. Mas despacha-a logo, oferece-me um charuto, acende o seu cachimbo – gosta de fumar – e depois conversámos durante uma hora como dois velhos conhecidos.

**Claro como uma fita de cinema.**

Para o verdadeiro clarividente parecem cair as barreiras do tempo e da distância. Passado, presente e futuro fundem-se, forma-se uma sequência de imagens. O que é visto é nítido como uma fita de cinema com todas as particularidades do ambiente. A imagem aparece de repente e depois desaparece de novo como uma visão. Mas é tão clara que o vidente consegue descrever até pormenores insignificantes. O que aqui apresentamos das previsões de Irlmaier é autêntico, ou seja, o autor garante a verdade e o conteúdo da profecia. Se se cumprirão, o futuro o dirá.

O julgamento em Laufen Era óbvio que não gostavam muito do homem que via o futuro. Há em toda a parte pessoas que se escandalizam com o que é invulgar por motivos vários. E assim aconteceu que um dia Irlmaier recebeu uma intimação judicial para responder por «charlatanismo». O julgamento em Laufen está registado por escrito.

Os depoentes, quase todos de Freilassing, apresentaram-se um após outro e, sob juramento, disseram coisas tão espantosas sobre Irlmaier que o tribunal se convenceu de que de charlatanismo não podia haver fala. Em todo o caso, o clarividente teve razão com a previsão que fez logo no início da audiência ao presidente, que o advertira talvez com algum sarcasmo sobre as consequências do charlatanismo. Irlmaier disse: «Não me podes fazer nada.» De facto, o tribunal teve de o absolver a expensas do Estado.

Numa carta do juiz L. nega-se que Irlmaier tenha feito nessa audiência uma experiência de clarividência descrevendo exatamente o que, naquele preciso momento, se passava noutro lugar. Também a previsão de que dois membros do tribunal morreriam ainda no mesmo ano não se cumpriu.

Deixemos por agora em aberto se isso é correto. Os factos seguintes, rigorosamente verificados, bastam para reconhecer neste homem Irlmaier o que ele é: um verdadeiro clarividente e não um charlatão ou impostor.

O bunker em Rosenheim Durante a guerra, Irlmaier visitava frequentemente uma parente em Rosenheim. Disse-lhe que não fosse para o meio do bunker da Salinenplatz porque via lá muitos cadáveres, ao passo que às pessoas na entrada do túnel nada aconteceria. A notícia espalhou-se por Rosenheim e, quando houve um forte ataque aéreo, os habitantes assustados correram para o bunker, mas evitaram o meio. Quando as bombas já caíam, chegaram ainda vários soldados, forçaram passagem apesar dos avisos dos locais e instalaram-se no meio; pouco depois foram atingidos em cheio por uma bomba. Os que estavam à entrada do túnel saíram ilesos.

As figuras veladas Uma vez, enquanto Irlmaier cavava um poço numa aldeia de montanha, a camponesa convidou-o para uma merenda. Ele olhou para o pão e disse: «Na verdade, não devia comer nada, não há bênção nenhuma nisso. Olha, ali está o teu pai à porta a erguer as mãos em súplica, e a tua mãe, que morreu lá em cima no quarto do canto, espreita pela janela: porque é que nunca rezais pelos vossos mortos?»

A camponesa fugiu aterrada, o marido também se eclipsou e os três filhos, que mal queriam saber da igreja, fizeram o mesmo. O mais curioso é que o vidente também vê os defuntos, que lhe aparecem como figuras veladas perante o olho interior. Uma vez, quando estava com um conhecido na igreja, disse depois: «Nos bancos estavam muitos mortos; alguns, porém, estavam de costas para o altar – esses provavelmente estão condenados ou no purgatório.»

Um desaparecido regressa a casa Quando uma mulher lhe agradeceu com um sonoro «Deus te pague!» pela informação sobre um desaparecido, Irlmaier respondeu: «Agora libertaste o teu criado do purgatório; ali está ele a agradecer-te!» A mulher, cujo criado realmente morrera pouco antes, saiu a correr.

Contam-se centenas de casos em que Irlmaier previu o regresso de desaparecidos. A uma mulher que dava o marido por morto disse: «Quando

tocarem os sinos do Natal, ele está em casa.» O homem voltou pouco antes do Natal de 1948.

Milhares sofrem há anos, de forma indizível, com a incerteza sobre o destino dos seus entes queridos. A palavra «desaparecido» corta como faca. Centenas de milhares nos campos da Sibéria não podem ou não têm permissão para escrever. Passaram anos. Uma mulher de Rosenheim quase desesperava pelo marido. Queria voltar a casar-se. Por precaução, perguntou primeiro a Irlmaier o que devia fazer. Ele respondeu: «Espera mais um pouco, acho que ele vem aí em breve.» E, de facto, o desaparecido voltou pouco depois para casa.

**Da noite para o dia começa**

É conhecida a frase de Irlmaier de que o futuro da nossa pátria não parece nada cor-de-rosa. Quando lhe perguntei: «O que vai acontecer connosco?», ficou muito sério. «Não te posso dizer nada de bom», respondeu. Só a contragosto descreveu a sua visão, mas de forma tão plástica como se tudo se desenrolasse diante dos seus olhos. Ouçamo-lo:

Três colunas militares «Primeiro matam o terceiro alto dignitário (Gandhi e o conde Bernadotte já caíram vítimas de atentados). Depois começa da noite para o dia. Avançam em três grandes linhas para oeste. (Desenhou três setas num papel.) A coluna mais baixa vem pela floresta (coincide com a profecia do Mühlhiasl), depois vira a noroeste do Danúbio e segue na mesma direção das outras duas colunas em direção ao Reno. É muito rápido. Descreveu o quartel-general com precisão de cabelo, deu até o nome e marcou o ponto aproximado. Disse: “Ali há uma igreja cujo altar não está virado para leste, mas para norte.”»

Bombas atómicas sobre o quartel-general «Depois sobem tantas pombas (aviões) da areia (África) que não as consigo contar. Voam por cima, mas não precisamos de ter medo, aqui não lançam nada. Mas ali, onde está o quartel-general, atiram a caixa preta abaixo – depois está tudo acabado. Depois voam para norte. No meio fica uma mancha onde já não vive nada: nem pessoa, nem animal, nem erva. Voam até lá acima, onde entrou a terceira coluna militar, e cortam tudo.

Depois matam-nos a todos; nenhum dos três exércitos volta para casa. Mas vejo um a voar do leste que atira qualquer coisa para a grande água; acontece então algo estranho. A água ergue-se como uma peça única, alta como uma torre, e cai de novo; tudo fica inundado. Há um terramoto e a grande ilha afunda-se a meio. Tudo isso não durará muito; vejo três riscos:

três dias, três semanas, três meses – não sei exatamente, mas não dura muito!»

Aqui não vem ninguém Quando eu disse: «Meu Deus, Irlmaier, então quando vierem os vermelhos cortam-nos a todos a garganta», ele respondeu tranquilizador: «Não precisas de ter medo nenhum, a ti não te acontece nada; de modo nenhum a nós aqui dentro, do Watzmann ao Wendelstein nada nos acontece, porque a Mãe de Deus de Altötting protege-nos; aqui não vem ninguém, isso é verdade, podes acreditar no que te digo, disso tenho a certeza absoluta. Mas lá fora, aí a coisa fica feia, nem te quero contar.»

Depois da catástrofe «…e coroará três reis: o húngaro, o austríaco e o bávaro.»

No leste a coisa anda à bruta E continuou: «A grande cidade com a torre de ferro alta está em chamas. Mas foram os próprios habitantes que a incendiaram, não os que marcharam do leste. E a cidade fica arrasada, vejo-o com toda a clareza. E em Itália a coisa corre mal. Matam muita gente e o Papa foge, mas muitos sacerdotes são mortos, muitas igrejas desabam.»

«Depois o Papa volta e coroará três reis: o húngaro, o austríaco e o bávaro. Este é muito velho e tem cabelo branco como a neve, usa calças de couro e anda entre o povo como um igual. Primeiro ainda haverá fome, mas depois sobem pelo Danúbio tantos géneros alimentícios que todos ficam saciados. As pessoas a mais vão para onde ficou o deserto, e cada um pode instalar-se onde quiser e ter tanta terra quanta conseguir cultivar. As pessoas serão poucas e o comerciante estará à porta a dizer: “Comprem-me alguma coisa, senão rebento.” E as salsichas pendem para fora do prato, de tanto que há.»

«Lá no leste a coisa anda à bruta, as pessoas matam-se umas às outras e a cruz volta a ser honrada.»

De forma misteriosa, Irlmaier disse: «Aparece um sinal no céu: o Crucificado com as chagas, e todos o verão.»

Falou também de uma mudança climática: que aqui ficará muito mais quente (talvez devido à entrada das águas quentes do Golfo por causa da explosão atómica no Canal da Mancha), até se plantarão videiras e crescerão frutos do sul. Depois da grande catástrofe virá um tempo longo e feliz. Quem o viver terá sorte, pode considerar-se feliz.

Ainda alguns episódios Depois de o vidente ter contado estas visões carregadas de futuro, passámos a assuntos pessoais. Disse-me coisas que acertavam até ao pormenor e que naturalmente não podia saber. Sobretudo, após curta reflexão e concentração, reconheceu num prisioneiro de guerra dado como desaparecido há mais de seis anos: descreveu a ferida na perna esquerda, a estadia no hospital, a transferência três vezes e disse: «Agora está onde se fabricam tantas máquinas, mas tão longe, meu Deus, tão longe que o sol nasce de outra direção. Mas na próxima primavera vem alguém que te dirá que ele vive, e depois ainda demora um ano até voltar para casa.» Fiquei abalado.

Talvez também interesse o seguinte, que me contaram sobre Irlmaier por terceiros. Um dia parou um carro com três polícias à porta dele. Irlmaier recebeu-os com as palavras nada amáveis: «O que querem vocês aqui com o carro roubado?» O carro fora «expropriado» na altura, coisa que os agentes da criminal nem sabiam. Estavam na pista de um assassínio; o cadáver desaparecera. Quando lhe pediram informações, o vidente disse: «Ali e ali está ele enterrado, com a placa de prata na barriga; é lá que o encontram.» Desenterraram o assassinado e, na autópsia, encontrou-se realmente debaixo do peritoneu a placa de prata, coisa que ninguém sabia antes.

Vais casar com outra Um comerciante cuja mulher estava doente perguntou ao vidente. Este respondeu: «Vai para casa, a tua mulher morre dentro de três semanas. Mas dentro de um ano já virás com a futura.» De facto, a mulher morreu. Quando o viúvo voltou um ano depois a Irlmaier, apresentou-lhe a noiva. Mas o Alois só se riu e disse: «Vocês os dois não ficam juntos, tu casas com outra.» Realmente começaram a discutir e o homem casou com outra, embora já tivesse requerido os proclamas para a primeira.

Em Freilassing contam ainda outras coisas sobre Irlmaier. Por exemplo, o camponês a quem roubaram um cavalo e que foi lamentar-se ao vidente. «Ó meu caro, tens de te despachar», disse-lhe este, «o carniceiro já está a afiar a faca para abater o cavalo. Corre o mais que puderes para ainda chegares a tempo!» De facto, o cavalo roubado estava no carniceiro e ia ser abatido quando o camponês chegou. Muito contente, o lesado voltou para casa com o seu animal.

Há pouco tempo, um camponês do Chiemgau foi a Freilassing perguntar pelo filho desaparecido. Teve a mesma experiência que centenas antes dele: o Aloisius não estava. Após longa espera inútil, o camponês foi

comer a uma estalagem. Ali encontrou, entre outros companheiros de infortúnio, um expulso que também queria falar com Irlmaier. O refugiado disse que ficaria em Freilassing até conseguir o que pretendia. Então o camponês deu-lhe a fotografia do filho desaparecido e cinco marcos, pedindo-lhe que perguntasse a Irlmaier pelo destino do filho, pois ele próprio já não podia esperar mais.

Quando este refugiado, antigo camponês, finalmente chegou ao vidente, pôs-lhe diante três fotografias de desaparecidos. «Este», disse Irlmaier, «morreu em 1944.» A afirmação bateu certo porque os familiares já tinham recebido notícia semelhante de um camarada do morto. «Este segundo vive e está num campo de prisioneiros perto de Moscovo. Voltará em breve.» «E o terceiro?», perguntou o refugiado. «O terceiro é filho de um grande lavrador.

Esse deu-te cinco marcos, não foi, para me interrogares? Diz-lhe: o rapaz ainda vive, mas está muito longe, tão longe que nem imaginas. E esse ainda demora muito, só volta para casa em 1953. Podes dizer-lhe isso. E agora conto-te como está a tua antiga quinta. Ali está a tua casa, ao lado corre um riacho e à porta está uma grande árvore.» E assim Irlmaier descreveu até ao mais pequeno pormenor a propriedade do refugiado, que não saía do espanto.

Se perguntarmos em Freilassing, ouvimos dezenas de coisas inacreditáveis. Por exemplo, na altura em que os comboios ainda iam cheios e certas pessoas tinham de ir trabalhar para Salzburgo, perguntavam: «Irlmaier, amanhã ainda arranjamos lugar no comboio?» E o bom do Irlmaier dizia-lhes ao cabelo se arranjavam lugar e onde.

Bombas sobre Freilassing Sabe-se que durante a guerra Irlmaier salvou muitas pessoas prevendo quais as casas de Freilassing que seriam atingidas pelas bombas. Quando, quase no fim da guerra, um avião se despenhou e o piloto foi depois fuzilado, veio um terrível bombardeamento de vingança sobre Freilassing. Irlmaier avisou vários habitantes da pequena localidade e eles escaparam à morte.

Apesar de tudo, ainda há muita gente que encara todo este fenómeno com incredulidade. Em geral pode dizer-se que ninguém deve ser censurado por ter dúvidas. Também com Irlmaier já aconteceu enganar-se. Ele próprio o admite e explica que o importunam tanto e o obrigam a decidir apressadamente sobre o destino de alguém. Declara também abertamente que, em coisas insignificantes e sem importância, o interesse é tão fraco que falha. Isso é humanamente compreensível. Mas o que «vê»,

descreve-o e deixa ao Bom Deus se se cumpre ou não. E isso dá-nos a certeza de que não engana, não diz mais do que vê e não faz negócio com o que não pode garantir.

Poderia contar-se aos montes casos destes. Os aqui relatados são autênticos e rigorosamente verificados, portanto absolutamente comprovados.

O que diz Irlmaier sobre si mesmo? Muito pouco. Uma vez comentou: «Não vou lá, o meu tempo ainda não chegou. Mas sei que certas pessoas querem a minha morte porque a minha clarividência lhes incomoda. Não me apanham, porém! Em volta da imagem de Maria onde tive a primeira visão será construída uma capela. Quando estiver pronta, morro.»

O vidente do Saalach não aceita dinheiro. Faz tudo por amor de Deus; um «Deus te pague!» é-lhe mais querido – pelo menos é o que se ouve por todo o lado. Poderia ser rico, pois vêm ter com ele personalidades muito importantes, até estrangeiros, gente com dinheiro da América. Trata todos por igual.

«Daqui a três dias a esta hora já não vives» – «Esse aí foi, foi ele que o fez» – A irmã do general Clay teve de esperar

O alegre beberrão Estavam sentados em Hammerau na estalagem, há quase dois anos, alegres e à vontade. O ambiente estava no auge quando brindaram ao silencioso Irlmaier. Este olhou muito sério para um senhor mais velho em grande animação, tanto que o outro reparou. «Porque me olha assim?», perguntou finalmente o senhor. «Ora», disse Irlmaier, «acho que daqui a três dias a esta hora já não vives.» O interpelado assustou-se bastante com esta sombria profecia, mas logo se riu e disse: «Sinto-me de perfeita saúde e espero ainda viver muitos anos.» Irlmaier não disse mais nada e foi para casa. Três dias depois, um enfarte levou o supostamente saudável beberrão, e a previsão de Irlmaier cumpriu-se à hora certa.

Aviso de roubo A um conhecido que possui uma quinta, Irlmaier mandou dizer que tomasse mais cuidado com as suas coisas, pois era constantemente roubado. O outro riu-se e disse que não lhe faltava nada. Poucos dias depois roubaram-lhe até uma pequena bigorna; aí foi ver a arrecadação das ferramentas. Não era pouco o que lhe tinham furtado. Agora acredita em Irlmaier quando este lhe prevê alguma coisa.

Ela volta a ficar boa Foi o caso de uma mulher de Salzburgo. Um dia ficou gravemente doente. Uma pneumonia dupla levou-a à beira da morte. A febre subiu vertiginosamente e chegou o momento em que os médicos no

hospital encolheram os ombros e declararam: «Aqui a medicina chegou ao fim, a mulher está perdida!» O marido desesperado foi ter com Irlmaier. A primeira pergunta foi: «Diz-me, Irlmaier, a minha mulher tem de morrer?» O vidente consolou-o imediatamente, olhou para a fotografia da mulher e disse: «Não precisas de ter medo, ela ainda não morre, vai ficar boa! Vai para casa, já verás, ela melhora!» De facto, também aqui Irlmaier disse a verdade. Contra todas as expectativas, a mulher não morreu e pouco depois saiu completamente curada do hospital.

Irlmaier ajuda a polícia Não é raro o vidente de Freilassing ajudar a polícia em casos complicados. Já contamos como ajudou a encontrar o cadáver do homem com a placa de prata na barriga. Outro caso muito característico aconteceu há mais tempo, quando em Estugarda encontraram uma mulher assassinada. Como o marido não tinha tido um casamento exatamente feliz, surgiu a suspeita de que ele a matara. A investigação começou com toda a dureza, apesar de o homem jurar em altos berros a sua inocência. Interrogatório atrás de interrogatório levaram o suspeito ao limite do desespero.

Por fim, propôs ao juiz de instrução que consultassem o vidente Irlmaier de Freilassing – assim se provaria a sua inocência. A polícia criminal acedeu ao desejo do atormentado e um dia dois agentes levaram o homem a Freilassing. Um polícia de Freilassing e os dois de Estugarda entraram; o suspeito teve de esperar lá fora. Mostraram ao poceiro a fotografia do casal com a pergunta se o marido matara a mulher. Irlmaier respondeu imediatamente: «Não, não, não foi ele, foi outro; tragam-me a outra fotografia que ainda têm aí!»

De facto, um dos agentes da criminal tinha ainda na pasta uma segunda fotografia: a do cortejo fúnebre, quando a assassinada foi levada à sepultura com grande participação popular. De repente, Irlmaier apontou para um homem no cortejo e disse: «Esse aí foi, foi ele que a matou. Roubou-lhe as joias, um anel e uma máquina fotográfica – mas isso já poderiam ter descoberto, têm lá em casa uma carta onde está escrito. Deu parte do roubado a outra mulher; vão a casa dela e apanham o verdadeiro culpado.»

Quando os agentes voltaram a Estugarda, relataram ao juiz de instrução o que Irlmaier dissera. Revistando cuidadosamente os autos, encontrou-se uma carta anónima que acusava uma mulher de possuir um valioso anel. Verificou-se que o anel pertencera à vítima; o verdadeiro assassino oferecera-o à sua amante. Foi preso e confessou o crime. E o

mais espantoso: teve a ousadia de participar no cortejo fúnebre da vítima e aparecia na fotografia exatamente no lugar para onde Irlmaier apontara. Assim se castigou um crime em que quase condenaram um inocente.

**Como ele vê os mortos**

Quando os véus do futuro caem, também o presente e o que está espacialmente separado não ficam ocultos ao olhar do vidente. Irlmaier prova-o muitas vezes quando morre alguém que ele conhece. «Ora, o que queres tu? Essa foi rápida», disse há pouco tempo. Quando os presentes lhe perguntaram a quem se dirigia, Irlmaier respondeu: «O lavrador morreu de repente e agora vi-o passar. Veio como figura velada, o coitado, parecia espantado por ter chegado tão depressa à eternidade. Vai, vai embora, eu ajudo-te na eternidade e rezo pela tua alma.»

Quando lhe mostram a fotografia de um morto em combate, vê igualmente o defunto pairar como figura velada e sabe com certeza que a pessoa já não está entre os vivos. Disso Irlmaier não faz segredo, embora tenha um coração compassivo e queira acima de tudo ajudar. Caso contrário, não sacrificaria tempo e trabalho aos milhares que já o procuraram. Custa-lhe bastante ter de dizer coisas que não anunciam exatamente um futuro cor-de-rosa. Mas mentir também não quer. Por isso, quando não há outro remédio, foge e desaparece durante dias. Quem lho pode censurar?

**Pedidos de pessoas de todo o mundo**

Quem pensa que o famoso poceiro de Freilaffing é conhecido apenas no Rupertiwinkel ou no Chiemgau e em Rosenheim está muito enganado. E quem acredita que o seu estatuto ou fama o tornam uma pessoa privilegiada, bate à porta errada quando vai ter com o Irlmeier. Em primeiro lugar, ele trata toda a gente por tu, depois não faz diferença entre rico ou pobre, alto ou baixo. À irmã do general Clay fez esperar exatamente o mesmo tempo à porta da sua cabana que a qualquer camponesa pobre que vinha perguntar pelo filho desaparecido.

As centenas de americanos que o visitaram tiveram de levar intérprete, porque o Alois só sabe falar o dialecto do Chiemgau, mas não inglês. E, no entanto, o Irlmeier descrevia aos soldados, na maior parte negros, com precisão absoluta como estava tudo em casa deles, se todos estavam de saúde e o que mais queriam saber. Diz-se que um americano rico até veio de avião só para lhe pedir conselho e informações sobre um poço de petróleo. É evidente que não faltaram ofertas aliciantes ao simples poceiro,

mas o Irlmeier rejeitou-as todas categoricamente. «Eu fico na minha terra, com a minha profissão de poceiro ganho o que preciso, mais não quero», essa é a frase definitiva dele e é para cumprir. O dom de vidência não o torna feliz. «Quantas vezes tenho pena das pessoas quando vejo o que elas têm de sofrer e não posso mudar nada.»

Que ele me descreveu também, com um simples toque das mãos, o estado de saúde com precisão absoluta, fica aqui referido de passagem. O futuro mostrará se as visões deste homem simples se cumprem ou não. Se Deus lhe deu esse dom, talvez seja mais um aviso à humanidade antes que seja tarde demais.

«São uns excelentes traficantes do mercado negro» — «Deixa correr esse grandessíssimo safado!» — 1950 um ano fértil

«Os muniquenses também não precisam de ter medo»

O morto com a mão nas costas

Numa família havia grandes discussões. Tratava-se de questões de herança e nessas situações os opostos costumam chocar com violência. Chegou a denúncias e queixas-crime. O velho pai não sabia bem de que lado se colocar. Um dia sofreu um ataque fatal. O filho, uma hora depois, sem saber ainda da morte do pai além de uma breve notícia, foi ter com o Irlmeier pedir conselho e ajuda no seu caso.

Após uma curta conversa, o Irlmeier disse: «O que é que se passa com o teu pai? Agora teve de partir muito depressa e está tão inquieto. Agora arrepende-se de não poder falar mais contigo. Anda de um lado para o outro e tem a mão direita nas costas, a balançar a esquerda para a frente e para trás. Pede-te que lhe perdoes e agora queria dar-te a mão. Dá-lha tu a ele!»

O visitante não sabia o que dizer nem o que fazer. De facto, o pai, ainda em vida, tinha o hábito de pôr a mão direita nas costas e, ao andar, balançava o braço esquerdo. Comovido, o homem disse ao Irlmeier: «Eu não vejo nada, como posso dar-lhe a mão se, apesar de tudo, perdoo de coração ao meu pai morto tudo o que me fez!» Então o vidente pegou na mão direita do visitante e levou-a até à do espírito que via. «Olha, agora ele está completamente satisfeito», disse o Irlmeier, «e agora vai-se embora.» Pode imaginar-se o que o filho pensou quando chegou a casa e encontrou o pai morto já preparado para o velório.

Segundo as próprias palavras do vidente de Freilaffing, ele vê os defuntos como figuras cinzentas, como se estivessem envoltos num véu, mas perfeitamente reconhecíveis quanto à forma e aos traços do rosto, tal como em vida.

Ele sabe das coisas roubadas

Hoje em dia rouba-se tanto que ninguém acreditaria. Já vimos acima que chegam a tentar roubar casas inteiras. Mas também desaparece tudo o resto, queira-se ou não. Um homem do Chiemgau, residente lá, tinha posto tubos, tubos bonitos, tubos caros, tubos novos de zezinhos e estava todo contente com os seus tubos até que um dia já não estavam lá. Encontra o Alois Irlmeier, que estava a fumar o seu cigarrito curto e prestes a ir escavar um poço.

Desenrola-se então o seguinte diálogo: «Alois, imagina tu, um grandessíssimo filho da mãe roubou-me os meus belos tubos, levaram-nos, desapareceram, procurei onde pude, não os encontro em lado nenhum. Não me podes dizer onde hei de procurar?» — «Isso posso eu muito bem», diz o Irlmeier, «agora vais ao X., entras no estábulo dele, lá dentro está uma carroça e em cima da carroça há lenha empilhada, uma carrada inteira. Quando tirares a lenha toda, os teus tubos estão lá em baixo. Boa sorte!»

O roubado não pensou duas vezes, foi depressa buscar um polícia como «anjo da guarda» e lá foram os dois ao celeiro do X. Lá estava mesmo a carroça carregada de bela lenha. Apesar dos fortes protestos do dono, descarregaram a lenha e, surpresa, os belos tubos, os tubos novos apareceram escondidos no fundo. Desde então um pragueja contra o vidente, o outro está-lhe muito grato, tem outra vez os seus tubos que tinham desaparecido sem deixar rasto.

**O novo casaco de inverno**

Como a história dos tubos se espalhou, dois rapazes de A. pensaram que também eles deviam ir «buscar uma pista». Era ainda a época em que não havia tecido, nem ovos, nem manteiga, nem enchidos à venda. Os géneros alimentícios eram muito escassos, a não ser que alguém comprasse no mercado negro por preços exorbitantes o que conseguisse apanhar. Ora, a um deles tinham-lhe roubado algo de que sentia muita falta e, como o outro tinha recuperado os tubos, quis ele também fazer uma pergunta ao Irlmeier.

Para a coisa correr mais depressa meteu um bom naco de enchido na mochila e foi com um camarada ter com o vidente de Freilaffing. Este

estava sentado numa taberna a beber uma caneca de cerveja aguada. «Irlmeier, roubaram-nos uma coisa.» — «Sim, sim, olha só para ti», disse o Alois, «eu bem vi, isso estava dentro do teu baú, em baixo à esquerda estava o pacote. Estiveste a dançar, depois foste-te embora com uma rapariga e quando chegaste a casa olhaste para dentro do baú, depois já lá não estava. Mas isso não vais recuperar. Compraste-o tu mesmo pelo mercado negro, não podes denunciar……

(O texto está incompleto)

**O Irlmeier «enganou-se»**

Uma senhora G. foi ter com o vidente. Trazia uma fotografia do marido desaparecido, mostrou-lha e pediu-lhe que dissesse quando é que o marido regressava a casa. O interpelado observou bem a fotografia, depois disse: «Tenho de te dizer: o teu marido já não vive. Vejo a campa dele, está algures onde há palmeiras. O cadáver está completamente negro por causa do calor.»

A senhora G., porém, não ficou minimamente abatida com a notícia, por mais dura que fosse. «Desta vez enganou-se redondamente, senhor Irlmeier, porque eu tenho notícias seguras de que o meu marido está vivo.» Então o vidente não disse mais nada e despediu-se da senhora G. Mas bastaram alguns meses para a senhora receber a notícia de que o Irlmeier, infelizmente, não se tinha enganado: o marido tinha morrido e sido enterrado perto de uma palmeira.

**O velho pintor**

Antigamente o Irlmeier, como poceiro, tinha muito trabalho na região de Salzburgo. Por isso atravessava frequentemente a fronteira. Um dia estava de visita numa família e, quando trouxeram o café, o Irlmeier disse: «Quem é aquele senhor que está ali atrás? Sim, é daqui, foi fulminado por um ataque à porta do jardim e agora pede qualquer coisa, precisa de uma missa. Morou nesta casa e lá em cima tinha o atelier de pintura. Agora sei, é o pintor M., deram o nome dele a uma rua junto ao Salzach.»

Quando lhe mostraram o auto-retrato do pintor, disse: «Sim, é ele, é o que está ali em baixo na sala. Mandem celebrar amanhã uma missa por ele nos Capuchinhos! Agora ele agradece com a mão, agora vai-se embora.» Nenhum dos presentes sabia que aquela casa tinha sido antigamente a residência daquele famoso pintor. Só quando foram perguntar ao porteiro do prédio é que se confirmou que tudo o que o vidente afirmara estava correto até ao mais pequeno pormenor: a localização do atelier, a morte

súbita do pintor por ataque cardíaco junto à porta do jardim, etc. O defunto teve a sua missa nos Capuchinhos; os moradores da casa, porém, não conseguiam evitar um leve arrepio sempre que passavam por aquela porta do jardim. Parece que há mesmo mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia.

**A rapariga do Ammersee**

Uma vez veio ter com o Irlmeier uma rapariga da zona do Ammersee pedir conselho. Sem mais preâmbulos o vidente disse-lhe o seguinte:

«Tens um filho de um mau sujeito. Este e este dia estiveste com ele. Duas vezes deste-lhe dinheiro, à terceira vez, quando ele quis mais dinheiro, já não tinhas para lhe dar. Deixa correr esse mau elemento. O teu pai está todo branco de farinha, é moleiro. A vossa casa fica junto à água, do outro lado da estrada há também um regato de água estagnada. Quando chegares a casa diz ao teu pai que canalize o regato e ponha a água em tubos, é melhor para vocês.

A tua mãe é uma mulher idosa, tem um tumor no ventre. Deve mandar-se operar e não precisam de ter medo, ela aguenta bem e fica boa.» Depois o Irlmeier descreveu ainda a propriedade, a moinho com muitos pormenores. A rapariga começou a transpirar de emoção quando o Irlmeier disse que da próxima vez não devia ser tão parva e crédula. Se o regato estagnado foi depois canalizado e se a mãe se operou mesmo, isso escapa ao nosso conhecimento.

**O plano de fuga para o berlinense**

Foi no início de 1948 que um jovem apareceu em casa do Irlmeier. Vinha de Berlim e chamava-se Th. Como antigo SS, estava a passar por grandes dificuldades e não sabia o que fazer. Por isso foi ter com o poceiro. Este observou-o durante um bocado, depois disse: «Estiveste muito tempo preso, um, dois, três risquinhos, três anos estiveste preso, mas não fizeste mal a ninguém. Por isso vou ajudar-te! Queres ir para a Áustria e isso vai ser bom para ti. A tua mulher está enterrada na Áustria.

Vais conhecer outra mulher, uma viúva em S., ela arranja-te os papéis e no final casarás com ela, depois as coisas correm-te bem, voltas a ter o que comer. A tua primeira mulher era assim e assim, ficou doente. A doença não foi reconhecida e por isso teve de morrer. Está agora ao teu lado e sorri tristemente. Agora ouve bem o que te digo: na próxima segunda-feira entre as 12 e as 16 horas passas a fronteira. Se fores mais cedo ou mais tarde, apanham-te. Depois das quatro da tarde um guarda-

fronteiras austríaco quer prender-te. Então tens de contar a tua história militar, depois ele deixa-te ir, isso é às 16h12, porque eu vejo o teu relógio. Portanto segue o que te digo e agora adeus. Reza pela tua mulher!»

As instruções do Irlmeier foram seguidas à risca. O berlinense passou a fronteira em Sch., veio aí um polícia austríaco e perguntou de maneira bastante ríspida pelos documentos. O berlinense Th. disse sem rodeios: «Não tenho passe de fronteira, mas estive três anos preso. O senhor também foi soldado, eu só queria visitar o túmulo da minha mulher, que está enterrada em E. Camarada, ajude-me, eu não quero fazer mal nenhum.» Então o gendarme amoleceu e deixou o Th. seguir. Este olhou para o relógio: eram 16h12. Feliz, o berlinense continuou caminho e tudo se passou exatamente como o Irlmeier tinha previsto. Em N., já do lado austríaco, encontrou a viúva e encontrou nela um lar.

**Como será o ano de 1950 e depois**

O Irlmeier fez sobre o ano de 1950 as seguintes previsões, que aqui registamos de propósito para que cada um poder verificar depois se elas se cumprem ou não. O janeiro vai ser tão quente que as moscas dançam. O fevereiro traz frio, de modo que os cervejeiros podem encher as suas caves de gelo.

O março, porém, será tal que os agricultores semeiam aveia. O ano vai ser muito fértil. No outono os agricultores levarão a manteiga ao mercado, mas o dinheiro será ainda mais escasso do que agora e terão de levar a manteiga outra vez para casa. Comida haverá o suficiente, pode ser que já estejamos a entrar numa época em que aqui já não há propriamente inverno. Vejo mais tarde vinhas e frutos do sul a crescerem cá, quer acreditem quer não.

Um dia vão rebentar motins nas cidades, depois haverá roubos e pilhagem. As pessoas das cidades vão para o campo e querem tirar o gado aos agricultores, então o agricultor tem de olhar bem pelo que é seu, senão roubam-lhe a camisa do corpo. Mas o mau tempo passa depressa. E depois vem um tempo bom.

Três grandes cidades desaparecem

Recentemente o Irlmeier confirmou novamente um destino sombrio para três grandes cidades. Uma cidade afunda-se na água, a segunda grande cidade fica com o campanário dentro do mar, a terceira desmorona-se. Ele conhece também os nomes, mas por razões válidas não podem ser aqui mencionados. O vidente descreveu também agitação social num país do

outro lado da água, combates violentos no Ocidente, que levam a um grande incêndio na capital.

**Os caixotes pretos**

Durante uma conversa o Irlmeier descreveu os caixotes pretos e indicou o tamanho aproximadamente 25 × 25 cm. «São pães do diabo», disse ele. Quando explodem, forma-se um pó ou fumo amarelo e verde, tudo o que fica por baixo desaparece, seja homem, animal ou planta. As pessoas ficam completamente pretas e a carne cai-lhes dos ossos, tão forte é o veneno.

**Três línguas de fogo**

De R. saem as línguas de fogo, imensamente longe para noroeste, oeste e sul. Vejo-as como caudas de cometas. Nós, porém, não temos nada a temer. Só uma vez uma língua fica curta e então queima uma cidade pequena, que fica a norte do Saucüffel (provavelmente o Ruhrgebiet).

Os muniquenses também não precisam de ter medo, vai haver inquietação, mas não acontece grande coisa. E passa depressa.

Muitos não me acreditam, eu também não sei o que o Senhor Deus fará, mas o que vejo posso dizê-lo, sem querer ser profeta. No fim de contas, estamos todos nas mãos de Deus. Mas quem não acredita na cruz, esse vai ser esmagado.

**Quando o Irlmeier se cala ou «fala ao lado»**

Aqui se inserem algumas observações sobre declarações de Irlmeier que realmente não corresponderam aos factos. Há dias, ou houve dias, em que o vidente foi literalmente assaltado com perguntas desde as seis da manhã até à uma da madrugada sem parar. Se pensarmos no que significa, só fisicamente, aguentar vinte e mais horas seguidas naquele espaço muito pequeno onde Irlmeier costuma receber os visitantes, ouvindo sem interrupção pessoas angustiadas, assustadas, por vezes desesperadas, compreende-se que o homem ficasse exausto.

Além disso, cada esforço para «ver» exige uma concentração mental, uma energia de vontade que, com o passar das horas, se torna cada vez mais difícil de mobilizar. Irlmeier é, no entanto, uma pessoa extremamente bondosa e complacente. Tem um coração muito compassivo e quer ajudar sempre que pode. Realmente, em muitos dias, pôs a sua estranha capacidade ao serviço dos que procuravam ajuda até ficar completamente esgotado. Quando uma mãe desesperada ou um pai destroçado lhe

perguntam: «Ele ainda vive?», custa-lhe imenso quando a conhecida figura cinzenta e espectral surge diante dos seus olhos, muitas vezes mutilada e ensanguentada. Nesses casos Irlmeier esquiva-se, fala ao lado do assunto, prefere deixar as pessoas na incerteza, porque a verdade é algo que nem todos suportam. Por isso Deus velou o futuro aos nossos olhos. Se, apesar disso, sempre houve videntes e profetas, que sirva de aviso aos demasiado crédulos de que eventos extraordinários se aproximam. Toda a gente se pode enganar, claro, e os horrores podem ser afastados pela oração e pela intercessão dos santos, como já ficou claro no caso de Nínive.

Se aqui só apresentamos casos rigorosamente comprovados, isso bastará para estabelecer um facto: a eidética, a vidência, já não pode ser negada. Quem a souber explicar de outra maneira, explique-a! Esta área da parapsicologia ainda não foi suficientemente investigada cientificamente; por isso consideramos nosso dever registar apenas previsões absolutamente comprovadas. Não se trata de alimentar a curiosidade ou a superstição, mas de possibilitar investigações sérias e, ao mesmo tempo, alertar os contemporâneos crentes para perigos iminentes. É esse o motivo pelo qual publicamos as visões de Irlmeier e examinamos a sua veracidade.

«Podes ficar tranquilamente em tua casa» – Um erro de Irlmeier A roupa roubada A carta de agradecimento do americano «As bombas não vos fazem nada»

Por volta de 1944, quando a destruição das cidades por bombardeamentos aumentava cada vez mais, o vidente de Freilaffing estava de visita a um parente. Como era natural, a conversa girava em torno da guerra e dos alarmes aéreos cada vez mais frequentes. Na pequena cidade havia praticamente apenas um único esconderijo absolutamente seguro. Um vizinho que, na presença de Irlmeier, apareceu para pedir um «conselhinho rápido» disse: «Não sei para onde havemos de correr se um dia rebentar mesmo.»

Irlmeier respondeu: «Tu podes ficar tranquilamente em tua casa, aí não acontece nada. Mas naquela e naquela zona quase tudo vai abaixo, também haverá muitos mortos. As bombas caem duas vezes. A vocês não vos acontece nada.» Devido a esta previsão, o K. ficou sempre em casa durante todos os alarmes aéreos e, quando realmente, já no fim da guerra, houve dois pesados ataques, só a zona indicada por Irlmeier foi gravemente atingida e houve muitas vítimas mortais.

**«Na mochila tem um monte de carne»**

Não queremos calar um erro engraçado de Irlmeier. Aliás, não conseguimos confirmar este caso em si pouco importante, mas isso será irrelevante no presente contexto. Era a época em que o mercado negro florescia. Um feliz possuidor de um porco gordo abateu-o clandestinamente para voltar a ter um bom assado de porco em casa. Mas outro desconhecido teve o mesmo desejo e, de alguma forma, apoderou-se da carne rosada e desapareceu sem deixar rasto.

O muito desapontado dono do porco tinha várias suspeitas, mas faltava-lhe prova concludente. Lá foi imediatamente a Freilaffing procurar o Irlmeier, que havia de saber. Por sorte o Alois estava em casa, pensou no assunto e deu a seguinte explicação: «Quando esta noite voltares para casa depois desta viagem a Freilaffing, por volta das dez horas vais encontrar um homem; tem um chapéu com penacho de camurça, é baixinho e forte, tem um bigode escuro. Às costas traz uma mochila pesada, dentro dela está um monte de carne. Boa sorte!»

O roubado pôs-se a caminho de regresso com esta profecia; da estação ainda tinha um bom bocado até casa. Apesar da escuridão cerrada, espreitava como um lince e, efetivamente, lá pelas dez horas encontrou alguém com uma mochila pesada que ia a passo apressado. Tudo batia certo: a figura atarracada, o chapéu com penacho, o bigode farto. «É ele», pensou o nosso despojado do assado, deu meia-volta em arco e seguiu depressa o homem da mochila até este entrar numa casa. Não demorou a aparecer um gendarme quando ouviu falar do ladrão e lá foram os dois juntos à casa em questão.

O do bigode estava precisamente a cear e limpava o suor da testa quando o guarda da lei entrou de surpresa. «Então, onde está a carne roubada, entregue-a já», disse o gendarme ao homem que empalideceu. O roubado já tinha avistado a mochila no banco do fogão; num salto descobriu o segredo. Mas quando tiraram a carne, não era de porco da porca roubada, era um quarto de vitela de um abate clandestino. Também era roubada. Onde estava o erro?

**A arca debaixo do monte de carvão**

A senhora E. tinha lavado a roupa toda. Isso é sempre um acontecimento em qualquer casa, pois dá trabalho e esforço suficiente; nestes tempos caros, conservar a roupa preciosa em bom estado é ainda mais importante. Por isso a senhora ficou contente quando a última peça

estava limpa pendurada no estendal. Depois do trabalho feito, foi tratar de outra coisa. Quando voltou a ver a roupa, tinha desaparecido até ao último peça. Um ladrão aproveitara uma boa oportunidade e levara tudo. Imagina-se o susto da mulher quando deu pela desagradável realidade e, a lamentar-se, foi ter com o marido. Este pensou logo no Irlmeier e depressa o «Alois» foi chamado a dar conselho. «Onde está a minha roupa?», perguntou a mulher triste. «Irlmeier, peço-te, ajuda-me!» E o vidente ajudou, como costuma fazer sempre que pode. «Tu conheces a casa do H.; vai lá, desce à cave.

Mas não à primeira cave, passa por ela, há uma segunda cave, entra lá. E há carvão, um monte grande. Tens de tirar o carvão todo, depois encontras a tua roupa», disse o vidente. A mulher não se fez rogada duas vezes. Pediu a um agente que a acompanhasse e pôs-se a caminho da casa em causa. Os moradores ficaram muito indignados por aparecer ali um gendarme a falar de roubo de roupa, mas lá acabaram por descer todos à cave. E eis senão quando, na segunda cave, estava o grande monte de carvão. Depressa arranjaram uma pá.

Em pouco tempo apareceu uma grande arca e dentro dela estava, ainda molhada como viera do estendal, a roupa roubada. Que a senhora tenha ido embora radiante de alegria, qualquer dona de casa compreenderá vivamente. O que aconteceu depois é irrelevante. Os factos foram por nós confirmados em F.

**O olhar por cima do oceano**

À medida que a fama das capacidades de vidência do poceiro de Freilaffing se espalhava, também vieram pessoas dos Estados Unidos procurar informações junto de Irlmeier. Talvez fosse saudades dos familiares tão longe, o certo é que vinham especialmente muitos soldados negros visitar o vidente. Uma vez apareceu um americano em Freilaffing. Irlmeier descreveu ao visitante a sua casa até aos mais pequenos pormenores. Infelizmente viu no lar do americano a mulher no leito de morte e disse-o ao hóspede consternado. Mas acrescentou ainda: «Na tua casa está alguém que te quer tirar tudo o que tens. Dia e noite anda a magicar como se apoderar da casa. Vai para casa o mais depressa possível, senão é tarde demais.»

Pouco tempo depois o americano recebeu a notícia de que a mulher tinha realmente morrido. O cunhado, irmão da falecida, tinha dado passos para fazer declarar o marido incapaz, de modo a desviar a herança. Depois de resolver tudo – o americano partira imediatamente para os Estados

Unidos –, Irlmeier recebeu uma carta de agradecimento que confirmava integralmente a previsão. Tempo e espaço parecem portanto não desempenhar qualquer papel na vidência, pois o nome e morada da pessoa em causa são conhecidos.

**O acórdão do tribunal de desnazificação: «Um seis e um nove»**

Na época em que os processos dos tribunais de desnazificação estavam no auge, também um homem da nossa região tinha preocupações muito sérias. Os próprios parentes «denunciavam-no» em todas as instâncias possíveis. O motivo era, como em tantos casos, a cobiça e a maldade. O homem tinha uma casa jeitosa e uma parente queria-a para si. Por volta de 1947 isso conseguia-se melhor declarando o dono, por assim dizer, «inofensivo» por via administrativa. Assim, o homem foi rotulado de «nazi» embora tivesse sido apenas membro da RSV. Seguiram-se prisão e campo de Moosburg até à audiência final. Compreensivelmente, o homem desejava ardentemente saber o desfecho. Como conhecia o Irlmeier, foi ter com ele e perguntou: «Como vai correr?»

O vidente respondeu: «Não tenhas cuidado, a tua causa corre bem. Ela e o teu vizinho queriam meter-te lá dentro, mas vai correr de outra maneira e ele é que tem de tomar cuidado para não cair lá ele próprio. E vejo ainda um seis e um nove, isso já se vai ver.»

Passado algum tempo realizou-se a audiência e correu exatamente como Irlmeier tinha «visto». As testemunhas embaraçaram-se em contradições consideráveis; o resultado foi uma multa de 600 marcos, as custas judiciais foram 300 marcos, no total portanto 900 marcos. Assim se cumpriu também o seis e o nove. Quem mo contou, o senhor H. de F., foi a própria pessoa que viveu tudo isto na pele. Está na sua casinha e jura pelo Alois, que lhe previu tudo com tanta exatidão.

**Data curiosa**

Mais uma vez alguém perguntou pelo destino de um prisioneiro de guerra. O homem chamava-se L. e tinha o número Moscovo 3956. Irlmeier fez a seguinte previsão: «Diante da vossa casa têm um campozinho. Nesse campo vai ser semeado trigo no outono. Quando esse trigo for ceifado no ano seguinte e os restolhos ainda estiverem no campo, ele chega a casa. Mas está muito doente. Apesar disso vai ficar bom outra vez.» Isto foi em 1947. No outono desse ano semeou-se trigo no pequeno terreno. Quando o trigo foi ceifado em 1948 e os restolhos ainda estavam no campo, o L. chegou efetivamente a casa. É verdade que ainda tinha edema de fome e

teve de ir para uma casa de saúde, mas curou-se e hoje está saudável no seio da família. O nome completo é conhecido. Às vezes olha para o pequeno campo diante de casa e pensa como foi possível o Irlmeier prever tudo aquilo. Hoje muita gente se admira com isso.

**Descreve uma enfermaria**

A mulher de um mestre oleiro de L., de apelido R., tinha um filho que estivera nas SS e chegara a Sturmführer. Quando a guerra acabou, este homem foi internado por pertencer às SS. Quando mais tarde adoeceu, foi transferido para o hospital de internados em T. Os pais estavam muito preocupados com o filho e a mãe foi ter com Irlmeier pedir conselho. O vidente disse: «O teu filho está num hospital. Tem gesso até à barriga. Vejo-o, está deitado na cama e parece doente. Tem qualquer coisa nos intestinos.» Depois Irlmeier descreveu a enfermaria em todos os pormenores: como estavam dispostas as camas, como o filho olhava cheio de saudade pela janela. Reconheceu também que a doença do doente parecia incurável, mas não quis dar mais pormenores. A mulher foi então a T. e encontrou a enfermaria exatamente como Irlmeier a descrevera.

**Cerca de 8000 DM**

Uma mulher de L., na Alta Francónia, teve um dia de reparar que todo o seu património, no valor de 8000 marcos, lhe tinha sido roubado. Tinha suspeitas de outra mulher, mas não conseguia prová-lo. Em desespero, recorreu ao vidente de Freilaffing. Após várias tentativas infrutíferas, decidiu-se pela longa viagem da Alta Francónia até à fronteira bávara. Irlmeier disse-lhe logo: «O teu dinheiro não foi uma mulher que o roubou, foi um homem.» Depois descreveu o homem com tanta exatidão que a roubada soube imediatamente de quem se tratava. «Foi esse que o roubou; agora vai para casa e diz-lho na cara, depois recebes o teu dinheiro de volta!»

A mulher de L. seguiu o conselho, foi para casa e dirigiu-se imediatamente ao homem que Irlmeier lhe descrevera. Disse-lhe: «Eu sei com toda a certeza que foi você que me roubou os 8000 marcos. Quer devolver-me o dinheiro ou tenho de ir à polícia?» Então o homem, que tinha uma família numerosa para sustentar, confessou que cedera à tentação numa boa oportunidade e realmente roubara a quantia. Trouxe de volta os 8000 marcos inteiros e suplicou-lhe que não fizesse queixa à polícia e não o lançasse na desgraça.

Como à roubada interessava acima de tudo recuperar o dinheiro, não apresentou queixa. Mas enviou um telegrama de agradecimento e uma longa carta para Freilaffing. Os dois documentos foram mostrados ao autor destas linhas; os factos estão comprovados de forma absolutamente inequívoca. Dada a enorme distância entre L. na Alta Francónia e Freilaffing, qualquer suspeita de outro tipo de conhecimento dos factos é descabida.

**O falecimento na família**

Uma família muito amiga de Irlmeier viveu outro caso muito triste. Um dia ele estava novamente de visita lá em casa. De repente «viu» qualquer coisa e calou-se. Quando lhe perguntaram o que se passava, respondeu: «Na vossa família vai haver em breve um caso de luto. Vejo um homem estendido no chão, tem qualquer coisa no baixo-ventre e vai morrer disso.» A família, que conhece bem as capacidades de vidência de Irlmeier, pôs-se a adivinhar quem seria o candidato à morte e acabou por pensar num parente que tinha uma úlcera no estômago.

Esta suposição revelou-se errada, como se viu mais tarde. Quatro semanas depois, um parente foi atingido com tanta força na zona abdominal por um cavalo que até aí era absolutamente manso e fiável, mas que de repente desatou a coicear, que caiu no chão com graves lesões internas. Apesar de socorro médico imediato, não foi possível salvá-lo; o jovem e forte homem teve de morrer. Compreende-se que, desde então, já não gostem muito de perguntar ao poceiro o que ele vê quando vai lá a casa.

**O lado trágico da vidência 3 × 27**

Há alguns anos aconteceu um caso estranho quando o poceiro de Freilaffing foi questionado sobre o destino de um prisioneiro de guerra. Observou longamente a fotografia do jovem e depois o vidente disse:

«Ele vem em breve para a Alemanha, mas depois tem de ir para um hospital. Depois não vejo mais nada.» Insistindo o perguntador sobre quando é que o prisioneiro regressaria a casa, Irlmeier explicou que não podia dizer, mas via sempre o número 27 e, concretamente, três vezes. Não sabia, porém, interpretar o que isso significava. Tragicamente, a previsão cumpriu-se da seguinte maneira.

O prisioneiro de guerra foi libertado a 27 de setembro nos Urais, em Mari, para regressar à pátria. Chegou a Frankfurt an der Oder, mas ficara muito doente. Internado num hospital, não conseguiu vencer a doença

devido aos sofrimentos passados e morreu a 27 de outubro do mesmo ano. A 27 de dezembro os familiares profundamente consternados receberam a notícia da morte através do presidente da câmara da localidade. Pouco depois apareceu na terra natal do falecido de forma tão trágica um camarada que confirmou todos os pormenores do caso e as datas exatas da comunicação. Assim se explicavam também os três 27. Quando mais tarde fizeram reprovações a Irlmeier por não ter mencionado a morte do prisioneiro, o vidente respondeu: «Eu vi exatamente como ele 'se esbateu', mas não vos quis dizer porque tive pena de vocês.»

É uma história antiga: as pobres pessoas atormentadas naturalmente não querem ouvir estas coisas; haverá também muitos que não suportam este lado trágico da vidência. Não foi em vão que Deus envolveu o futuro nas trevas. Mas um pensamento não nos larga: não será uma certa compensação que, graças ao homem de Freilaffing, milhares de pessoas tenham recebido alguma esperança depois de uma crueldade satânica ter impedido que os prisioneiros de guerra enviassem para casa nem que fosse a mais curta notícia? Não será por vezes melhor saber que o desaparecido encontrou já a paz eterna do que passar anos a temer e a esperar, para no fim nada receber ou só através de um dom tão peculiar conhecer o destino de um ente querido?

**O roubo**

Recebemos a seguinte comunicação por escrito, que aqui reproduzimos literalmente sem qualquer comentário:

«Fui com o meu cunhado ter com o Irlmeier para esclarecer um roubo que dizia respeito a um camião. O Irlmeier não sabia de onde vinha o senhor S. nem o que tinha acontecido. O senhor S. duvidava por princípio da possibilidade da vidência e, depois deste resultado, deu-se por completamente vencido. O Irlmeier disse ao S. o seguinte: "Desmontaram os pneus do teu camião, foram quatro! Se não os tivessem interrompido, teriam levado também os restantes. Vejo o camião parado numa depressão de areia, porque é que não o meteste na garagem? Está apoiado em três patas, completamente baixo no chão.

Foi um carro de passageiros adaptado que levou os teus pneus. O carro dos ladrões veio pelo lado e não pela estrada, onde depois se procuraram rastos." Seguiu-se a descrição exata dos ladrões, tão precisa que ele chegou a dizer: "Um deles é da Estíria, já não conseguem os teus pneus, um trocou-o por géneros alimentícios, os outros três estão escondidos debaixo do feno num celeiro. Com esses não podem fazer

grande coisa, parecem ótimos por fora, mas já não prestam para muito. No pneu traseiro esquerdo tinhas um furo feito por pedra.” (Coincidiu exatamente!) As pessoas, os locais e as relações de parentesco dos dois ladrões coincidiam tão perfeitamente e cobriam completamente a pessoa que o senhor S. já antes suspeitava.»

O Irlmeier encontra uma veia de água – dispositivos de blindagem completamente inúteis O zahori – uma experiência desconcertante

O vidente Irlmeier é poceiro. Para fazer um poço é preciso uma nascente – água. Nos tempos de escassez de água, encontrar o precioso líquido é muitas vezes muito difícil. Para o poceiro de Freilaffing, porém, essa difícil tarefa não é problema. Além da sua capacidade de vidência, tem outra aptidão muito curiosa, embora não assim tão rara. O “Loisl” é um zahori de primeira classe. Quem nunca viu nem viveu isso não acredita. Para ir ao fundo da questão, pedimos uma vez ao Irlmeier que fizesse uma experiência.

Ele veio, pediu um bocado de giz e um arame forte. Dobrou o arame em forma de argola e percorreu o espaço onde estávamos. Ao segundo passo a vara de zahori baixou com um esticão violento e, ao passo seguinte, voltou igualmente de repente à posição inicial. Ora, não é difícil dar com os dedos o impulso necessário ao arame para que a vara “reaja”. Qualquer criança sabe isso.

Mas, para cortar pela raiz qualquer possibilidade de fraude, o Irlmeier pousou as duas pontas do arame nas palmas das mãos abertas e pediu a uma das pessoas presentes que, com o polegar da mão direita e da esquerda, lhe segurasse agora firmemente as duas pontas. Depois o zahori voltou a passar com as mãos abertas por cima da veia de água e, pasmem-se, a vara baixou com a mesma força de antes.

Em seguida apontou com a mão esticada para o curso de água que encontrara. A mão começou imediatamente a inchar, as veias saltaram em cordões grossos. Quando retirou a mão, em pouco tempo voltou ao normal. Esta experiência, porém, não é brincadeira. Prova de forma absolutamente inequívoca que de um curso de água subterrâneo emanam forças cuja ação ainda não foi exatamente investigada, mas que, segundo a crença popular antiga, são consideradas prejudiciais à saúde de uma pessoa que noite após noite durma por cima de um desses cursos de água subterrâneos ou que dia após dia tenha de estar sentada em cima dele.

Aos nossos antepassados esta convicção era conhecida e era tida em conta muitas vezes na construção de casas. Coube ao ceticismo dos tempos modernos passar por cima disso com um sorriso de desdém. Só que depois inventaram-se toda a espécie de "dispositivos de blindagem" que, segundo a opinião do Irlmeier, são completamente inúteis e apenas provocam elevados custos.

Porque é que não se vai lá e se faz a prova do algodão? Porque se negam factos comprovados sem se investigar o assunto a fundo? A nossa medicina, até há bem pouco tempo absolutamente materialista, não só nega estas forças da água constatadas há muito, como na maior parte dos casos só conhece as funções do corpo, sem acreditar que o homem tem uma alma que pode dominar o corpo, a sua casca, com forças insuspeitas, arrastando-o a efeitos incríveis, inclusive médicos e biológicos!

O Irlmeier, o simples operário sem instrução, poceiro sem formação médica, afirma que o efeito de um curso de água subterrâneo, consoante a natureza do leito do rio, é prejudicial e favorece doenças para a pessoa que permanece longo tempo naquele lugar. Ele está disposto a prová-lo. Acreditamos que pode citar centenas de casos que sustentam e confirmam a sua afirmação.

Ele chama a atenção para o facto de a fruta em conserva e os alimentos enlatados muitas vezes se estragarem em locais por cima de veias de água; afirma que as pilhas de lanternas se deterioram rapidamente nesses sítios, que os aparelhos de rádio nesses locais têm mais interferências do que noutros. Se estes danos materiais realmente ocorrem, então é lógico que também o corpo humano reaja às veias de água. Seria certamente interessante saber se noutros sítios se fizeram experiências semelhantes e talvez alguém tenha a amabilidade de comunicar isso ao autor. Toda a ciência não é, no fundo, mais do que dedução a partir da experiência, e cada um é capaz de acrescentar a sua pequena pedra ao grande mosaico, preencher lacunas que ainda existem ou corrigir opiniões erradas.

Claro que não se pode pegar em qualquer pretenso "zahori" como experimentador. A capacidade de usar a vara de zahori é muito variável. Uma grande parte das pessoas é "fria", como diz o poceiro, ou seja, nas mãos dos frios a vara não reage de todo. Outras pessoas são adequadas, mas apenas em grau reduzido, razão pela qual os seus resultados não são fiáveis e os muitos insucessos desses zahoris se devem a isso. Claro que também há vigaristas que provocam artificialmente a reação da vara, tal como há charlatães e médicos charlatães. Mas o verdadeiro zahori dotado, e

um desses é incontestavelmente o poceiro Alois Irlmeier de Freilaffing, segue sem erro o curso da água e pode até indicar aproximadamente a profundidade desse curso ou da nascente. Poderiam ser apresentados inúmeros exemplos comprovados de forma inequívoca. Tanto sobre o buscador de água e zahori Irlmeier.

**A carta confirmada**

É compreensível que milhares de familiares de soldados desaparecidos procurem o vidente para obter informações. Entre os muitos que perguntam há também os que continuam a acreditar que um soldado já dado como morto ainda está entre os vivos. Para o coração sensível do Irlmeier é uma carga psíquica muito pesada tratar destas perguntas. Porque em muitos casos a morte mostra-se-lhe com uma clareza cruel e ele afasta-se então consternado: «Tira isso, a fotografia, já não consigo olhar, coitado do homem!

E como hei de dizer à mãe dele, que desmaia de dor.» Foi o que disse recentemente quando lhe mostraram a fotografia de um soldado. A pedido, descreveu ainda como se dera a morte do soldado. Tinha levado um estilhaço no ombro e outro na têmpora direita e morrera imediatamente. Quando esta triste notícia foi transmitida aos familiares, não ficaram surpreendidos. Porque o comandante da companhia do morto tinha descrito a morte do soldado em causa quase palavra por palavra da mesma maneira.

A sétima criança

Quando o poceiro, há não muito tempo, estava de visita em casa de alguém, descreveu, sem nunca ter entrado na casa, a exata disposição do quarto de dormir, a posição das camas e provou depois com uma passagem da vara que realmente uma veia de água cortava o quarto e passava diretamente por baixo de uma cama. No decorrer da conversa olhou de novo por um instante para o escuro e disse de repente: «Tu tens sete filhos.»

Quando o interpelado corrigiu e disse: «Não, eu tenho quatro filhos vivos, dois morreram, portanto aí te enganaste», o Irlmeier provou que era realmente um verdadeiro vidente, porque respondeu: «Esqueceste-te que a tua primeira mulher teve um aborto.» Esta afirmação era correta, mas tocava num facto que, além de uma única pessoa em todo o mundo, ninguém sabia nem podia saber. Nunca se tinha falado disso e a mãe já tinha morrido há muito tempo. Agora que alguém explique como, por via natural, um segredo destes, que pode ser confirmado sob juramento a

qualquer momento, chegou ao conhecimento do Irlmeier. Qualquer fraude ou conhecimento prévio está excluído. Aqui está um problema que tem de interessar a qualquer investigador imparcial e sem preconceitos. Já existe uma série de estudiosos que se dedicam seriamente à parapsicologia (investigação do sobrenatural). Aqui têm mais uma noz dura de roer.

**Uma traquinice de rapazes**

Num qualquer lugar à beira do Traun, o Irlmeier estava a fazer a sua pausa para comer, porque escavar poços é um trabalho duro. O seu velho "Wanderer", onde costumava carregar os tubos e as ferramentas, estava parado à porta da estalagem. Entraram três rapazes novos "para uma caneca" e olharam com algum gozo para o homem simples de bata de trabalho que bebia tranquilamente a sua cerveja e cortava fatias do seu chouriço. Quando o Irlmeier acabou a refeição, levantou-se, foi ter com os rapazes e disse: «Pronto, agora venho outra vez cá fora com vocês até ao meu carro e encham outra vez os pneus de ar, que vocês deixaram sair. A bomba de ar está no carro!»

Os três ficaram tão espantados que se levantaram sem dizer palavra, saíram e voltaram a encher os pneus. Para se divertirem um bocado, tinham-se aproximado e aberto uma válvula para fazer um furo e gozar com o condutor. Infelizmente calharam na pessoa errada, porque não podiam prever que este era precisamente um vidente. Por enquanto juraram que, para já, deixam essas brincadeiras, porque nunca se sabe…

**Por uma garrafa de aguardente**

À volta do Simssee há algumas aldeias jeitosas. E embora o lago tenha água que chegue, as pessoas de lá precisam de bons poços. Por isso, há quatro anos, o Irlmeier teve de escavar um poço num agricultor perto de M. Tinha encontrado a veia de água com a sua vara de zahori e estava agora sentado na cozinha do agricultor a comer. Chegou uma visita, o vizinho D., que queria ver como ia a escavação do poço. O D. nunca tinha visto o Irlmeier nem o Irlmeier o tinha visto a ele. O Lois olhou para o hóspede e depois disse:

«Tu tens a tua propriedade lá em baixo perto de M. Primeiro passa-se a ponte sobre a ribeira, depois vem uma estrada alcatroada e dali sai uma estradinha estreita, a direito até ao teu quintal. Sobe bem íngreme até tua casa. Atrás do quintal tens um celeiro que construíste novo. No meio corre um corredor e à direita e à esquerda estão as vacas e o gado novo. E há uma

vaca que tem um chifre que cresceu para baixo, mas cortaste-o há três dias. Essa vaca está na terceira manjedoura a contar da parede.»

O agricultor riu-se e disse: «Aí te enganaste, a vaca está na quinta manjedoura a contar da parede, isso eu sei muito bem!» Com ar superior, o Irlmeier respondeu: «Não, não, a vaca está na terceira manjedoura a contar da parede.» «O quê?», gritou o agricultor, «aposto já uma garrafa de aguardente que está na quinta, queres apostar?» «Se não acreditas, apostamos», disse o poceiro, «fechado!»

A aposta ficou feita. Os três puseram-se a caminho e, enquanto desciam, o agricultor perguntou: «Se sabes tudo, diz-me lá quantos cavalos tenho eu?» «Agora tens quatro bons cavalos no estábulo», afirmou o Irlmeier. «Outra vez ao lado», gritou o agricultor, «eu tenho sete cavalos. Estava a ver que a garrafa de aguardente já tinhas perdido.»

O vidente limitou-se a sorrir enquanto subiam juntos a estradinha íngreme e depois entravam no estábulo. Lá estava a vaca com o chifre cortado não na quinta, mas na terceira manjedoura a contar da parede. O agricultor D. gritou logo para a mulher perguntando como era possível que aquela vaca não estivesse no seu lugar na quinta manjedoura. E a mulher respondeu: «Ora, quando tu saíste, a vaca desatou e eu amarrei-a por enquanto na terceira.»

E havia apenas quatro cavalos no estábulo porque, na ausência do agricultor, tinham levado três dos sete para o prado. Mas a garrafa de aguardente teve de ser paga pelo agricultor – o Irlmeier tinha acertado em tudo. Desde então até o incrédulo D. acredita na vidência. E também já não aposta tanto, sobretudo quando encontra um poceiro. Toda a história aconteceu há três anos e é bem conhecida na zona do Simssee.

**O homem com a prótese**

A seguinte história comprovada mostra novamente pormenores desconcertantes que não parecem explicáveis por vias normais. Um funcionário dos caminhos-de-ferro tinha construído uma casinha algures na Alta Baviera e casara-se. A felicidade, porém, não era completa porque a mulher andava doente e não conseguia ficar boa à noite. Tudo o que os médicos tentaram com os meios da medicina moderna foi em vão. Através de conhecidos, o funcionário tomou conhecimento do poceiro Irlmeier e aproveitou a oportunidade para falar com ele. Descreveu a sua audiência com o vidente da seguinte maneira:

«Quando entro na cabana dele – não se pode chamar quarto porque a cabana é tão pequena –, o Irlmeier diz: “Olha só, senta-te, nem precisas de me dizer nada, eu já sei porque vieste. A tua mulher está doente.” Depois este homem, que eu via pela primeira vez na vida, descreve-me a minha casa com todos os pormenores de tal maneira que fico simplesmente pasmado. Diz-me que passam veias de água por baixo da casa, que no nosso quarto de dormir a cama da minha mulher está de certeza por cima de uma dessas veias e que, quando viesse a M., aproveitaria para me provar isso com a vara. “Têm de mudar a cama de sítio”, disse aquele homem estranho, “depois a tua mulher melhora logo.”

Agradeci-lhe e depois falámos sobre o futuro da pátria. O Irlmeier confirmou-me o que já tinha ouvido de outras pessoas: que ele previa em breve um acontecimento terrível que terminaria com um confronto de exércitos inimigos. E disse ainda que todos os homens até certa idade seriam convocados, mas que ninguém chegaria a cumprir o serviço militar porque tudo aconteceria muito depressa. Para pôr o vidente à prova, perguntei-lhe: “Bem, se isso vai acontecer em breve, também me apanha a mim porque ainda não atingi o limite de idade. Vou ser convocado?” Tenho de explicar que na última guerra perdi um pé (amputação da perna abaixo do joelho).

Tive a sorte de arranjar uma prótese tão perfeita que nem os meus conhecidos mais próximos sabiam que tinha perdido uma perna e usava prótese. Também o Irlmeier não podia ter reparado, primeiro porque na cabana dele estava bastante escuro e segundo porque eu não coxeio de maneira nenhuma. O vidente respondeu então à minha pergunta, sorrindo maliciosamente: “Sim, sim, convocam-te, mas o que é que tu queres fazer com a tua perna artificial? Já não te podem usar! Vai para casa tranquilo, eu de qualquer modo vou aí ter contigo um dia. Depois resolvemos isso das veias de água.” Com estas palavras despediu-se. Fui para casa e contei tudo à minha mulher.

Como costuma acontecer, fomos adiando a mudança das camas, mas na cama da minha mulher dormiu por enquanto a minha cunhada, enquanto eu e a minha mulher fizemos a cama noutro quarto. Não demorou muito até a minha cunhada começar a queixar-se de todo o tipo de dores, de sono inquieto e mau, e acabou por se convencer de que o Irlmeier afinal não estava errado com as suas ideias sobre as veias de água. A cunhada sempre tinha encarado aquilo como fantasia e não acreditava.

Um dia o Irlmeier apareceu lá em casa e mostrou com a vara e um bocado de giz exatamente onde passava a veia de água. Convencemo-nos de que o que ele dizia era exato. Disse-nos ainda mais: “Tens aí o teu frigorífico, estás sempre a ter avarias, as coisas estragam-se. E tens uma instalação de campainha com bateria. Quantas vezes é que a bateria se avaria?

Olha, de quatro em quatro semanas tens de chamar o instalador e nenhuma bateria te dura. Sabes porquê? Olha aqui: o teu frigorífico está diretamente por cima da veia de água e a bateria da campainha também está metida nessa bela veia. E se não mudarem a cama para outro sítio, a tua cunhada vai parar ao hospital e continua sempre doente e cheia de dores. Pode até ficar com danos de saúde tão graves que nunca mais se cura.”

Na casa em Hahinger Bach mudaram as camas e, desde então, acabou-se o reumatismo, as dores nas costas, as dores de cabeça e o sono inquieto depois do qual se sai da cama como se se tivesse sido espancado e se passa o dia inteiro cansado e incapaz de trabalhar.

**A noiva de guerra**

É um problema delicado quando dois casam em tempo de guerra e, poucas semanas depois, o homem tem de voltar para a frente. Até que chega a notícia que para milhões foi o mais terrível e doloroso de toda a nossa época: «Desaparecido.» Ninguém sabe mais nada daquele jovem tão cheio de vida e força; apagou-se. Se ainda vive, se dorme algures numa campa desconhecida, se voltará, se alguma vez se saberá do seu destino?

É perante estas perguntas angustiantes que está agora a jovem esposa de guerra. Como foi curto o sonho! E agora? Passaram-se anos. Continua sem notícia, sem luz na escuridão, sem carta, nenhum regressado conta ou sabe alguma coisa. O que deve fazer a jovem? É preciso uma força de caráter rara e uma graça especial para que uma mulher assim não quebre o juramento feito no altar, para que guarde o amor ao desaparecido e não dê ouvidos às muitas vezes tempestuosas propostas de outros homens.

A isso juntam-se muitas vezes dificuldades materiais, perda da casa por causa dos bombardeamentos, graves preocupações de sobrevivência. E agora talvez surja, através de um novo casamento, a possibilidade de pôr fim a todas essas dificuldades e preocupações. Em honra das nossas mulheres há que dizer que a grande maioria cumpriu o juramento feito no altar, que apesar da enorme pressão e tentação, apesar da incerteza sobre o destino dos desaparecidos, muitas centenas de milhares esperam com amor

e fidelidade. Esta força de caráter merece a mais alta honra e, como mais bela recompensa, muitos regressados já voltaram para os braços das suas fiéis esposas.

**Mas ainda faltam centenas de milhares.**

Também não podemos condenar aquelas que, baseadas num talvez muito vago boato de que o desaparecido morreu, querem contrair novo casamento. Em todo o caso, uma mulher em S. tinha a possibilidade de fazer um «bom casamento». O marido estava desaparecido há anos. Agora um outro homem respeitável e em boas condições económicas pedia a sua mão. O desaparecido estava morto? Podia casar-se? Em todo o caso, foi com a fotografia do marido desaparecido ter com o Irlmeier e perguntou-lhe o que devia fazer.

Ele olhou para a fotografia e depois disse: «Queres casar outra vez, não é? Mas o teu marido vive em cativeiro russo e regressa em 1951. Se casares com outro, há uma desgraça. Portanto espera, não te vais arrepender.»

Com isso a mulher foi para casa consolada e espera com alegria, apesar das preocupações e dificuldades, pelo desaparecido que na Rússia provavelmente só uma coisa o mantém de pé: o pensamento nos seus entes queridos na pátria.

**Posfácio**

Com isto terminam por agora os presentes capítulos, pois a enorme procura destes relatos deveria ser satisfeita com a publicação de uma brochura. Como, porém, as reportagens sobre o Irlmeier continuam a registar sem cessar novos factos surpreendentes em torno do vidente, em breve estará disponível uma segunda edição ampliada deste pequeno escrito. Quem quiser manter-se atualizado até lá, remetemos para o jornal «Traunsteiner Nachrichten», publicado em Traunstein, que regularmente, na rubrica «Experiências em torno do Irlmeier», relata nas edições ilustradas de fim de semana. O autor garante a veracidade dos factos relatados individualmente; foram verificados, em parte, até aos mais pequenos pormenores. Com rigorosa exatidão foi excluído tudo o que pudesse ser explicado de forma natural.

No final pedimos ao leitor tanta compreensão que não pense: «Olha, temos aqui um adivinho do futuro, então toca a mandar perguntas, cartas, visitas.» O Irlmeier não é feliz com o seu estranho dom. Ele desaba. 1500 cartas estão empilhadas na cabana dele há meses sem serem abertas,

centenas e centenas de visitantes vieram muitas vezes de muito longe a Freilaffing sem resultado. Tiveram de voltar para trás.

Também não é verdade que todas as visões do vidente de Freilaffing se cumpram. O futuro está nas mãos de Deus. Mas sempre houve, sobretudo antes de grandes acontecimentos, sinais e previsões. Ninguém é obrigado a acreditar. Se foram um aviso, cumpriram o seu propósito. Também o dom da vidência pode servir, em tempos difíceis, para erguer corações, para dar consolação sobretudo àqueles que viveram terríveis anos de incerteza e espera por um desaparecido.

Deus proteja a pátria!

Traunstein, Sebastiani 1950. Dr. E. Adlmaier.